

INAUGURAÇÃO DA “ARCÁDIA – ASSOCIAÇÃO DE ARTE E CULTURA EM DIÁLOGO”

por António Justo



No dia 8 de Julho, pelas 16 horas, realizou-se a inauguração da “ARCÁDIA – Associação de Arte e Cultura em Diálogo” na Quinta Outeiro da Luz em Chaque – Branca com uma vernissage de quadros da pintora Carola Justo. Estiveram presentes cerca de 150 visitantes, entre eles professores de Universidades de Lisboa e de Coimbra, a Eng. Doroteia Sã, representante da Câmara de Oliveira de Azemeis, a Dra. Rosa Tomás, vereadora da Cultura e da Educação da Câmara de Anadia, o presidente da Junta da Freguesia, Fernando Ferreira e vários representantes de Comunicação Social e de várias associações locais e regionais.

O presidente da ARCÁDIA, Dr. António Justo, apresentou a filosofia, as metas e projectos futuros da ARCÁDIA. A ARCÁDIA é uma associação sem fins lucrativos de projecção suprarregional.

Dr. José Augusto Fernandes fez a laudatio da exposição. Disse que a pintora tem um estilo muito original e inconfundível. “Os seus quadros têm um efeito terapeutico.” A pintora Carola Justo discursou brilhantemente sobre a “fonte da criatividade”. Pelo enquadramento musical esteve a cargo dos guitarristas Rui Martins e Dr. Carlos Teixeira. A vice-presidente Dra. Dulcineia Loureiro moderou o evento.

Os quadros da pintora alemã Carola Justo tiveram um eco muito positivo nos visitantes. A pintora, esposa do presidente e fundador da ARCÁDIA, já fez cerca de 50 exposições na Alemanha e em países estrangeiros com muito boas críticas por jornalistas de jornais da especialidade e revistas.

A exposição continua até 3 de Agosto. Encontra-se aberta ao público aos domingos das 10 às 12 e das 14 às 18 horas, às segundas e aos sábados das 9 às 12 horas e fora dessas horas segundo acordo telefónico: 963994458.

“A Terra é feita de Céu“

Discurso do Presidente da ARCÁDIA no evento da sua Inauguração:

Minhas Senhoras e meus Senhores,
Caros árcades, prezados amigos,

É com muita satisfação e alegria que em nome da “ARCÁDIA - Associação de Arte e Cultura em Diálogo” tenho a honra de saudar público tão distinto e interessado e de agradecer a sua comparência. Bem-vindos à inauguração da ARCÁDIA e à Vernissage de Carola Justo. A Direcção da ARCÁDIA, saúda expressamente a Eng. Doroteia Sã, representante da Câmara Municipal de Oliveira de Azemeis, a Dra. Rosa Tomás, vereadora da Cultura e da Educação da Câmara Municipal de Anadia, o presidente da Junta da Freguesia, Fernando Ferreira, os representantes da imprensa e os representantes das associações: Dona Dália pela Provança, José Marques pela Auranca, José Manuel Vieira pelo CDB, Dona Preciosa Camões Sobral, pelos Escuteiros, Dona Rosa Ferreira pelos Ecos da Memória, Dr. José Cerca pela Irmandade Santa Mafalda, Altino Pires, pela Comunicação Social, bem como o Professor Doutor Joaquim Teixeira, o Professor Doutor Horácio Peixeiro e o Professor Doutor Quadrado Gil. Um agradecimento especial a todos os membros da Direcção da ARCÁDIA que se empenharam para que este evento se tornasse realidade e amigos que de longe aqui se deslocaram.

Caros presentes,

Como associação, sem fins lucrativos, queremos ser uma casa de todos, uma casa porta-aberta onde se pretende contribuir para o fomento cultural e artístico numa estratégia de integração e projecção de pessoas, iniciativas, associações e colectividades a nível local, regional, nacional e internacional.

Conscientes de que a cultura e a arte não são espaços economicamente privilegiados, a minha esposa e eu disponibilizam, gratuitamente, espaços da quinta para actividades da ARCÁDIA.

Pretendemos, por iniciativa própria ou em parceria, realizar acções, iniciativas, projectos e estabelecer pontes de diálogo nos sectores da arte e da cultura, fazendo intercâmbio entre artistas e associações, localidades, instituições e multiplicadores da cultura e da arte.

Pretendemos ser também uma plataforma de implementação pública de pessoas que privadamente criam arte ou iniciativas que mereceriam o reconhecimento público...

No respeitante a artes plásticas, artistas de perto e de longe têm a oportunidade de exporem as suas obras, na Galeria ARCÁDIA e no Atelier. Para artistas de longe a ARCÁDIA tem o projecto Férias ExTra que proporciona passar férias, trabalhar e expor (pintura, escultura, etc.). Seria interessante se conseguíssemos artistas do estrangeiro a expor em Portugal e artistas portugueses a expor no estrangeiro (Intercâmbio).

Entre outras iniciativas temos “Serões Culturais” de cultura e arte ao vivo. Destes poderão nascer tertúlias musicais, literárias (poesia), teatro, etc. Pensa-se introduzir uma certa regularidade nos “Serões Culturais”, O próximo será, aqui, no dia 27 de Julho, pelas 21 horas. A Associação também tenciona organizar grupos de trabalho específicos ligados a projectos, iniciativas, conferências e actividades várias.

Não queremos fazer tudo nem ser concorrentes de ninguém. Para isso já há muitas associações com trabalho importante. Queremos qualidade e dirigimo-nos especialmente a um público exigente e criativo, a um público que mais que espectador é agente e multiplicador cultural e social.

Como exemplo de actividade que pretendemos realizar, refiro um projecto que tencionamos iniciar com o seguinte título: Adolescentes e Jovens escrevem História. Apoiados por um catálogo de perguntas os jovens documentariam a vida dos avós (e pessoas a partir dos 60) em que estes falariam das experiências da sua vida e diriam o que têm para nos comunicar sobre a vida (que sabedoria têm para nos transmitir). Aqui, os jovens entrevistadores poderiam descrever também a sua vivência pessoal com eles e reuniram fotos documentais. Textos e fotos seriam expostos aqui na Galeria Arcádia e depois, em colaboração a combinar com peritos, com a junta de Freguesia, Câmara Municipal e Bancos, etc. poderia ser publicado um livro com os trabalhos escolhidos. Paralelamente ao Projecto “Adolescentes e Jovens escrevem História” poder-se-ia elaborar um outro projecto que seria “Crianças escrevem histórias”.

Um outro exemplo de iniciativa a concretizar poderia ser: Fazer uma exposição conjunta de artistas que apresentam obras elaboradas a partir de produtos de reciclagem e convidar também professores e alunos de escolas e jardins-de-infância a visitarem essa exposição com a finalidade posterior de crianças e jovens elaborarem obras a partir de coisas que se deitam para o lixo ou para o ferro-velho. Esse projecto realizar-se-ia aqui na quinta sob a orientação de artistas e membros da ARCÁDIA.

Um outro projecto, semelhante ao primeiro que narrei, mas mais complexo, a organizar mais tarde e depois de recolhido o conselho de departamentos municipais da cultura: “Os Traumas da Guerra do Ultramar”.

Um outro projecto intercamarário seria a organização duma via artística em que os artistas de cada localidade participariam num projecto conjunto com exposições locais a serem visitados pelas pessoas das diferentes terras e com palestras em cada local relativas a cada exposição específica e ao conjunto das exposições.

A FILOSOFIA DA ARCÁDIA – Partimos duma visão de vida integral não fragmentada em verdadeiro e falso; encaramos a vida toda, a vida só no seu todo é verdade; isto pressupõe o esforço por uma vida fora de categorias ideológicas, de classe ou raça, num espírito de entrega ao Belo e ao Bem dos outros que são dádiva. Nos outros está cada um de nós também, num encontro dum eu e dum tu que nasce e se realiza no nós. Como base da ordem de trabalho da ARCÁDIA imagino uma mentalidade do nós. “O “nós” é o ponto de partida e de chegada do nosso pensar e agir”. Isto pressupõe uma atitude de vida em processão onde a dialéctica de auto-afirmação pela contradição se pressupõe como estratégia num processamento de integração do que aparentemente parece contraditório. Passar da atitude e estratégia do “ou...ou...” para a atitude do “não só... mas também”, do “por um lado... por outro lado...” numa visão nova integral, uma visão a-perspectiva da realidade e dos factos.

A Palavra ARCÁDIA, formámo-la a partir das palavras iniciais AR (de arte) + CÁ (de cultura) e DIÁ (de diálogo): Arte e Cultura em Diálogo.

A Arcádia histórica era uma academia que em Roma em 1690 abrangia um círculo de poetas, cientistas, filósofos e escritores. Numa era em que o sentimento sufocava a razão, pretendiam voltar à simplicidade clássica nas obras de arte no espírito do bem, do belo e da elegância, da tradição de Platão e Aristóteles sintetizada em Descartes. Também houve a Arcádia Lusitana criada em 1756 que queria combater o “mau gosto” literário do séc. XVII. Almeida Garrett foi discípulo da Arcádia.

Sentimos hoje, à nossa maneira a preocupação dos antigos árcades especialmente no que respeita ao espírito criativo inovador e ao respeito pelo biótopo cultural regional e nacional.

Somos uma associação aberta agradecendo vossas sugestões e colaboração.

Muito obrigado.

António da Cunha Duarte Justo

(Presidente e fundador da ARCÁDIA)

www.arcadia-portugal.com

<http://www.facebook.com/arcadiaportugal>

Laudatio de Pe. Dr. José Fernandes na vernissage de Carola Justo, “A Terra é feita de Céu“

A pintora Carola Justo nasceu em 1955 no Sul da Alemanha, na Baviera. Viveu a infância numa linda vila termal. O pai era decorador de casas e, por algum tempo, teve um segundo emprego como acordeonista.

A mãe emigrou como refugiada da república Checa para Alemanha, depois da guerra. A beleza foi um valor constante e muito importante na família. Foi na idade de 13 anos que a Carola Justo começou a interessar-se pelas Belas Artes ao observar um dia uma pintura chinesa, que mostrava um simples ramo com um pardal nele pousado. O quadro impressionou-a profundamente. Refere acerca desse momento: “Foi a minha primeira experiência de arte.”

Foi assim que aos 13 anos, a Carola decidiu frequentar o primeiro curso de pintura, um curso para adultos. O pintor era expressionista e, segundo a mesma, ajudou-a a entender a arte. Aí começou a sua atracção pelo impressionismo e pelo expressionismo.

Os pais não apoiaram o desejo da Carola de seguir belas-artistas na Universidade. Acabou por formar-se em pedagogia social e filosofia. Foi nessa altura que conheceu o António Justo aquele que mais tarde se tornou seu marido.

O casal Justo tem 4 filhos. Os 3 filhos adultos exercem todos eles profissões pedagógicas e todos desenvolvem algum talento artístico: ou música ou pintura. A filha mais velha é atriz, cantora e pedagoga de teatro.

Entre 1982 e 1984 a Carola Justo formou-se também em terapia familiar. Algum tempo depois era co-editora duma revista regional, onde publicou também artigos e contos da própria autoria.

Contemporaneamente ao serviço de docente de línguas na Universidade Popular, após o nascimento do terceiro filho, tornou-se também estudante em vários Cursos de Pintura durante muitos anos.

Em 1997 começou a expor os próprios quadros. Até hoje tem já cerca de 50 exposições no seu portfólio.

Com vários pintores a Carola Justo aprendeu sucessivamente as técnicas de pintura a óleo, a aguarela, a técnica de desenho e, finalmente, a técnica de pintura a tinta acrílica. Até 1996 pintou apenas quadros realistas. No entanto, já quanto era estudante de pintura, sempre desejou ultrapassar o realismo e encontrar um estilo próprio. Nas suas palavras, “O estilo próprio não é algo que se possa forçar. Ou vem ou não vem. É uma graça um artista encontrar o seu próprio estilo original.” E acabou por vir.

Porquê ultrapassar o realismo? Sem dúvida que é admirável a boa arte de pintar fotorealisticamente. No entanto, o realismo nunca pode transmitir a sensação do misterioso e não tem a capacidade de surpreender.

Desde a invenção da máquina fotográfica, o realismo perdeu o seu valor. Deixou de ser necessário documentar pela pintura a realidade exterior. O verdadeiro papel da pintura é expressar a realidade interior, dando, sobretudo, acesso ao mistério e à surpresa. Foi esta necessidade que levou a Carola a abandonar o realismo.

Acontece que em 1992, a Carola Justo ficou completamente entusiasmada com uma exposição de pintura a acrílico de um pintor indiano moderno. Decisão imediata: “No futuro o acrílico será a minha tinta”. A partir daquele momento deixou de vez o óleo e mudou para a tinta acrílica. Foi nesse mesmo ano de 1992, que começou a surgir o estilo próprio que, pouco a pouco, se desenvolveu e aperfeiçoou até hoje. A óleo nunca mais pintou.

Algumas palavras suas para elucidar esta mudança: “Uma experiência entusiasmante de arte pode tocar profundamente o coração e até mudar a própria vida. As grandes mudanças aconteceram comigo na infância e em 1992. Naturalmente que a porta da inspiração nunca fica fechada. Surge sempre quando se contemplam obras de arte inspiradas.”

Foi o que aconteceu ainda pelo ano de 1992, quando, numa exposição, contemplava quadros de um conhecido pintor austríaco, Hundertwasser. Estes quadros deram-lhe renovada coragem para exprimir o que já tinha no coração: cores fortes e paisagens de fantasia. No início, o estilo da Carola era algo semelhante ao de Hundertwasser, como aliás foi referido por jornalistas que comentaram a sua primeira exposição, que teve lugar na sede da Comissão Europeia em Bruxelas.

Depois desenvolveu cada vez mais um estilo próprio que é difícil de subordinar a estilos de outros. Tem elementos da Arte Nova, por vezes ainda com semelhanças a Hundertwasser ou Kandinsky, mas o seu estilo é mesmo original e, em grande parte das suas obras, é mesmo difícil de encontrar um precursor do seu estilo.

Ressalvada esta porta de inspiração, sempre possível, através da contemplação de obras significativas de outros artistas, a inspiração da Carola Justo vem-lhe normalmente do ambiente onde se encontra no dia-a-dia. Embora o clima da região onde vive seja habitualmente chuvoso e escuro, a sua criatividade nada sofre porque vive das cores fortes que lhe vêm de dentro. Os passeios diários na natureza são mesmo fundamentais, tal como a meditação que também faz diariamente.

Um parêntesis para uma arte de outro tipo da Carola. Além de pintora, também é docente de meditação na Universidade Popular de Kassel e dá inúmeros cursos de meditação em conventos.

Nos quadros de Carola Justo nota-se bem a sua ligação e amor à natureza. Nas palavras de um historiador de arte, o Prof. Dr. Leo Weber: “O grande tema da pintura da Carola é a ligação (Vernetzung).” A ligação de tudo com tudo, especialmente a ligação do homem com a natureza.



A Carola não gosta de falar directamente do meio ambiente, mas sim da criação. Os homens, os animais e as plantas, para ela, fazem parte duma grande família. A sua obra quer ser uma oposição clara ao desrespeito pelas pessoas, animais e as plantas que graça em todo o mundo. A sua obra valoriza e acaricia toda a natureza.

A árvore, símbolo da vida, faz figura em muitos dos seus quadros. A árvore significa crescimento, enraizamento e alinhamento pelo céu. Podemos compreender os conteúdos dos seus quadros não tanto como simples figuras mas como símbolos.

Por exemplo a menorá, o candelabro judeu de sete braços, aparece frequentemente. Na menorá a Carola vê uma árvore, e vê também uma cruz escondida ou então sete braços que se esticam para o céu. Significa luz. A vela do braço do centro serve para acender as outras velas com a própria chama. Quatro dos seus braços também significam os pontos cardiais e os restantes dois braços significam a terra e o céu. A menorá tal como a cruz é a ligação da terra e do Homem com o céu e é um símbolo que se usou nos primeiros tempos do cristianismo ligando-o ao símbolo do peixe.

A cruz também aparece mais ou menos escondida em muitos dos quadros da Carola Justo. Ela confidenciou-me que começa muitos dos seus quadros pintando uma simples cruz, partindo daí para desenvolver o motivo. A cruz, que para muitos se tornou apenas num símbolo de sofrimento e de morte, na realidade é um símbolo da vida. É duplamente símbolo da vida, primeiro porque significa Ressurreição, e também porque exprime a união dos polos: do masculino e do feminino, do céu e da terra.



Três dos seus quadros são muito verticais, muito estendidos para o céu (altura de 90 cm, largura 20 cm). Mostram cruces que têm no meio um círculo vermelho: o coração ou o núcleo das coisas (der Kern der Dinge). O coração encontra-se no cruzamento do vertical com o horizontal.

A tendência de Carola Justo para pintar muitas vezes o símbolo da menorá também tem a ver com a sua inclinação pessoal pelo número 7, o

número místico. Nos quadros encontram-se muitas vezes 7 linhas, 7 troncos, 7 pétalas ou 7 círculos.

Não servirão certamente estas explicações para iniciar a contemplação dos quadros em exposição com a procura de pormenores como símbolos ou números. Observarão certamente cada quadro como um todo e esperarão que ele comece a falar-vos por dentro.

Esta exposição tem um grande número de quadros expostos e, por isso, não é possível contemplar intensamente cada um deles. É melhor escolher os que mais interessam e ficar algum tempo a contemplá-los. É sempre possível e aconselhável voltar num outro dia para observar e dar largas à contemplação dos quadros preferidos, em silêncio e com a guia pessoal da pintora.

Como terão oportunidade de verificar, a Carola Justo tem um estilo muito original e excepcional. Ela estudou o fenómeno de criatividade não só praticamente, mas também teoricamente e já fez muitas conferências sobre criatividade. Diz ela: "Quanto à maneira de ser criativo, há artistas que se orientam apenas pelo exterior: isto é: ou para agradar à maioria das pessoas ou para causar escândalos. Há artistas que olham para dentro de si mesmos até ao nível (auf die Ebene) da pura disposição e vontade (Lust und Laune) e não filtram nada. E há também artistas que olham para baixo até ao nível do reprimido, dos traumas, da raiva, do nojo, do patológico. Estes não têm a força de nos inspirar ou de nos elevar. Puxam-nos é para baixo.

E, finalmente, há artistas que se deixam guiar pela força da inspiração, que é uma força que vem de dentro do coração, embora também venha de fora, no sentido de que escutam atenta e atenciosamente o sussurrar da inspiração, uma força que vem de baixo no sentido do fundo, duma fonte interior, e também de cima: do céu. Estes são os artistas que nos inspiram."

Nesta exposição está à vista de todos que a Carola é uma artista como estes últimos. Parabéns à Carola e um grande obrigado por ser uma destas artistas que mexe com a vida e nos inspira e anima a viver unidos entre nós humanos e com toda a criação. Desejo a todos uma contemplação profunda e deixem-se desafiar a reviver os laços originais de família com toda a natureza, sobretudo com os seres humanos que são a excelência da criação.

Boa contemplação, proximidade, sintonia de alma!

Discurso de Carola Justo na vernissage, 8 de Julho 2012



Excelentíssimas senhoras, excelentíssimos senhores, caras amigas, caros amigos, caros familiares. Obrigada por terem vindo de perto e de longe. Muito obrigada aos membros da presidência da ARCÁDIA que se esforçaram tanto para preparar esta exposição. Muito obrigada também ao Pe. Dr. José Fernandes pela laudatio e aos músicos Dr. Carlos Teixeira e Rui Martins.

Gosto muito de entrar em comunicação com vocês, não só através dos meus quadros, mas também através da palavra. Há muita gente que quer saber, que tintas é que o artista usa e que técnica, quanto tempo leva pintar um quadro etc. O que acho mais interessante é a pergunta: Donde vêm as ideias? Qual é a fonte da criatividade? O grande pintor Vincent van Gogh escreveu ao seu irmão e patrocinador Theo: "Tu mal imaginas, como é paralisante quando a tela branca olha para ti com um olhar fixo e quando a tela diz: tu não vais conseguir nada. A tela branca tem um olhar fixo idiota e hipnotiza o pintor. Muitos pintores

têm medo da tela, mas a tela tem medo do pintor corajoso e apaixonado pela arte que invalida a sugestão de "tu não vais conseguir nada". Quando a tela branca ou a tábua de madeira branca olha para mim e me tenta de desencorajar, não respondo com um plano. Respondo com tinta, espalhando pouco mais que uma cor na superfície – ou azul, ou verde ou vermelho. Assim o olhar fixo da tela é coberto. Depois não sigo a um plano bem pensado, só tenho uma ideia vaga. Seguir um plano obedientemente, mata a criatividade. A inspiração vem-me ao olhar para a cor. Um plano rígido é como uma camada de betão que não deixa aparecer a inspiração. Mas a planta da inspiração às vezes chega a furar uma camada de alcatrão. O cérebro constrói estas camadas, por isso é melhor, no princípio do processo criativo não pensar demasiado, mas brincar, esquecer a lógica e revogar as leis naturais: o céu pode estar em baixo, o rio pode correr para cima, entre as nuvens podem passar barcos, os pássaros podem ser maiores que as casas, o grande é suportado pelo pequeno e mais fraco. Tudo é possível e esta liberdade dá alegria.

Mas criar obras de arte não significa pura alegria e liberdade, significa também disciplina, significa deixar-se guiar e ao mesmo tempo controlar, ser livre mas seguir regras, empurrar para trás o raciocínio, mas também inclui-lo. Como vêm, a criatividade une em si contrastes.

Eu nunca tenho intenção de pintar árvores ou pássaros, montes ou casinhas. Eles aparecem. Olhando para a cor espalhada na tela, na madeira, vejo alguma coisa, o começo duma cara, duma árvore e sigo. Vocês podem dizer: então vem tudo do acaso. As imagens não aparecem sem razão nenhuma. Tudo o que aparece vem duma camada interior invisível, inconsciente e é símbolo, às vezes um símbolo que eu mesma só entendo muito mais tarde. Entendi o significado do pássaro preto ou melro só depois de o ter pintado muitas vezes. Lembrei-me que na infância às tardinhas quentes de verão, ouvi os melros cantar com o seu cantar muito especial. Só a estas horas cantam assim. É mais uma chamada do que uma canção. Nestes momentos, a chamada dos melros pareceu-me como uma chamada dum outro mundo, uma chamada do céu. O melro que aparece muitas vezes nos meus quadros significa a chamada desse outro mundo transcendente e significa também a saudade. Porque o que eu senti como criança nestas tardes de verão era a saudade embora nessa idade ainda não pudesse dar um nome a este sentimento, senti só qualquer coisa e deu-me uma sensação de felicidade diferente de outras sensações de felicidade e ao mesmo tempo e um desejo forte e doloroso, mas eu não sabia de quê. Hoje sei que foi a saudade que senti.

Imagens podem ser ambíguas. P. e. os barcos que aparecem nos meus quadros podem às vezes ser vistos como ninhos ou berços. Os barcos são símbolos da viagem de vida ou de transição duma fase de vida a outra; o ninho ou o berço pode ser símbolo do abrigo e da protecção, do lar.

Tudo o que aparece nos quadros tem um significado, mas não é totalmente explicável. Muita coisa fica segredo, também para o artista. E é bom manter o segredo. Quando você mata a saudade, a saudade é morta, quando você explica o segredo, o mistério deixa de existir. A palavra segredo traduzido para o alemão significa: Geheimnis. Esta palavra contém a palavra Heim, isto é: lar. O segredo é a nossa habitação. O filósofo alemão Gronemeyer disse: “Em vez de querer revelar o segredo devíamos habitá-lo.”

Olhando para quadros com o desejo de os compreender totalmente, só vai causar dores de cabeça e afoga o murmurar do quadro. Como o pintor não deve pensar demais para deixar surgir a intuição, a pessoa que vê obras de arte, também não devia pensar demais para também deixar a própria intuição surgir. Deve esperar até que o quadro comece a falar consigo.

Como eu estou habituada a seguir a minha intuição, corro menos o perigo de adaptar-me àquilo que todos dizem, que todos fazem e que todos apreciam. Por isso tenho a liberdade de negar o culto do feio, do negativo, do patológico que hoje está na moda. Neste mundo, que é ao mesmo tempo bonito e doente, precisamos duma mensagem positiva, precisamos da cor e da beleza que traz ordem e paz interior, precisamos da esperança e de ideais, para não nos tornarmos insensíveis perante a saudade do nosso coração.

A minha pergunta inicial era: donde vêm as ideias? A esta pergunta não se pode dar uma resposta completa. Eu concordo totalmente com Fernando Pessoa que, falando sobre a inspiração literária, ficava admirado com aquilo que escrevia. Este fenómeno pode se transferir aos pintores, escultores, a toda a gente que se abre para a intuição. Fernando Pessoa disse: “Depois de escrever, leio. Porque escrevi isto? Onde fui buscar isto? De onde me veio isto? Isto é melhor do que eu. Seremos nós neste mundo apenas canetas com tinta com quem alguém escreve a valer o que nós aqui traçamos?” Esta é a experiência que artistas fazem de vez em quando, que a obra parece ultrapassar as próprias capacidades. São momentos de surpresa, momentos de gratidão pelo que se recebeu de alguém.

O título desta exposição é: “A terra é feita de céu”, também é uma frase dum poema de Fernando Pessoa. Todos nós sentimos às vezes, em momentos muito especiais e raros, que o mundo recebeu um brilho muito especial, as coisas parecem brilhar mais que normalmente. Então parece como se o céu tenha caído à terra, como se a terra fosse feita de céu. Desejo que este dia contenha para vocês esses momentos de brilho.

Carola Justo



POESIA EM FORMA DE CONTO por Isabel C.S.Vargas



Desejo partilhar o encantamento com a leitura de um livro de Mia Couto.

São vinte e nove contos escritos com habilidade e com a magia característica de quem tem o dom de criar palavras (neologismos) e com elas brincar, tecendo histórias de vidas e de sonhos.

Alguns trechos me faziam lembrar de minha professora de literatura, ao dizer, parafraseando Schopenhauer, que literatura boa é aquela que não se esgota em uma leitura, mas sim a que a cada leitura descobrimos algo novo. Em outras me faz lembrar minha amiga Estrella, cujas palavras são sempre envoltas numa aura poética que só aqueles que veem o mundo com olhos diferentes conseguem transcrever e por isto mesmo são pura magia. Percebem

poesia em cada olhar, em cada momento do cotidiano.

Em meio a comoventes histórias (como a do menino que queria morrer e por isto propôs ao avô trocar de lugar com ele), descobrimos lições como as que abaixo transcrevo:

–“Criancice é como amor, não se desempenha sozinha. Faltava aos pais serem filhos, juntarem-se miúdos com o miúdo. Faltava aceitarem despir a idade, desobedecer ao tempo, esquivar-se do corpo e do juízo. Esse é o milagre que um filho oferece – nascermos em outras vidas”.

Em outro conto sobre a avó que não entendia a viagem do neto para viver em um hotel onde aqueles que o acompanhariam no dia a dia eram meros desconhecidos, sem saber o nome de quem lhe prepararia o alimento, temos uma visão poética do cotidiano: “Cozinhar é o mais privado e arriscado ato. No alimento se coloca ternura ou ódio. Na panela se verte tempero ou veneno. Cozinhar não é serviço. Cozinhar é um modo de amar os outros.” ... Para esta avó um país estrangeiro começa onde já não reconhecemos parente.

Sobre o menino que fazia versos e não era compreendido, motivo pelo qual foi levado ao médico como se enfermo fosse retiramos o diálogo abaixo:

Ao ser inquirido pelo doutor sobre se algo lhe doía responde:

-Dói-me a vida, doutor.

-E o que fazes quando te assaltam essas dores?

-O que melhor sei fazer, excelência.

-E o que é?

-É sonhar.



Na epígrafe deste conto, temos o verso do menino que fazia versos:
De que vale ter voz se só quando não falo é que me entendem?
De que vale acordar se o que vivo é menor do que o que sonhei?

Nas palavras de Mia Couto percebe-se ritmo, como no primeiro parágrafo do conto Meia culpa, meia própria culpa:

“Nunca quis. Nem muito, nem parte. Nunca fui eu, nem dona, nem senhora.
Sempre fiquei entre o meio e a metade. Nunca passei de meios caminhos, meios desejos, meia saudade.
Daí o meu nome: Maria Metade.”

De história em história vamos descobrindo encontros e desencontros, dores e alegrias, sonhos e realidade, numa forma característica do autor, que retrata a fala do homem da sua terra natal, Moçambique, revelando entre os erros e acertos de cada personagem a humanidade de todos nós.

Isabel C.S.Vargas
Pelotas/Rio Grande do Sul/BR
www.isabelcsvargas.com.

POESIA DE ISABEL VARGAS

CRIATURAS

Isabel C S Vargas

Olho de minha porta
Vejo a lua escancarada
No céu a reinar.
Majestosa me faz de ti lembrar
Pela grandiosidade
E humildade ao dividir o firmamento.
Foste céu, lua, estrela
À todos encantar
Foste sol ardente, majestoso
A nossa vida aquecer
Foste galáxia de bons sentimentos
A todos envolvendo.
Hoje, magnânimo em sua humildade
Incólume, incorruptível soberano
Vives entre astros, duendes e elementais
Na nobre missão de a todos ajudar.

SE EU FOSSE UM PÁSSARO ...

Isabel C S Vargas

Preso ao meu chão natal
Com raízes solidamente fincadas
Pensei assim permanecer para sempre
Sem almejar nada diverso.
Ventos devastadores arrancaram minhas raízes
Desejei ser um pássaro e,
Por outras terras voar
Em uma ânsia louca de te encontrar
Em teus braços me aninhar
Para juntos voar libertos por toda eternidade.

ONDAS

Isabel C S Vargas

Mar límpido, cristalino
Cada onda que bate em meu peito
Leva sabores, retém alegrias
Descarrega tensões
Armazena prazeres.
Ensina a cada movimento
Lições de sabedoria.
Como as ondas
Ora somos pequenos
Outra vez somos gigantes.
Diverte crianças
Agrada aos adultos
Recupera a energia de idosos
A todos leva felicidade.
No mar somos todos iguais
Para se sentir feliz
Não requer luxo
Só despojamento.
Não importa a cor,
O credo nem opções políticas,
Não precisa diploma
Ou conta bancária
Para ser feliz
Basta saber ser humilde
Se entregar ao movimento das ondas
Os seus ditames respeitar
E em seu movimento se deliciar.
Desfrutando a doce sensação de liberdade.



PENSAMENTO

**“Imaginação é o Começo da Criação;
Nós Imaginamos o Que Desejamos,
Somos o Que Imaginamos e Criamos o Que Somos.
Integridade é o Que Fazemos, O Que Dizemos
E o Que Dizemos Que Fazemos.”**

William Shakespeare

Poegrafia a Malangatana
A Noiva da Ilha
 (Acrílico Sobre Unitex, 19,45 x 3,56m)
 por Amosse Mucavele



A ilha ao acordar escuta sempre a monotonia que a solidão do mar canta. Assiste com os olhos dos xipocos* que a namoram sem tréguas a uma velocidade da luz.

A luz acende o amor que se esconde no poente das mãos do homem que esta aborto do xitarutaru* a caminho da ilha. Nos remos transborda um sonho vulcânico que explodirá quando atingir o núcleo do destino. Onde flores tomam o brilho do sol que clareia as margens de um sentimento que sobrevoa no dócil olhar dos ilhéus. Onde a bravura do mar transformar-se-á num paraíso construído pelas sombras do amor, alegria, sob a alçada dos ramos do embondeiro que dão mel e maçã (não proibida).

No cais da ilha os homens e os animais esperam eufóricos pelo brilho da aliança. Cantam, dançam a mesma música agora com retoques do sopro do mosquito, e do árduo trabalho de fabricar prazer a cor do mel das abelhas.

Batuques acompanham as ovações da multidão, com crianças no colo das mulheres que preservam a beleza com os lenços na cabeça. A noiva já não sente os pés no chão, mas vê o barco que se aproxima. Sente o futuro e a cor do vento do matrimónio a beijarem a sua face, e por último a mulher diz:

É hoje que o carvão que arde no meu corpo. O mel que derrama na minha boca terá dono.

Amor até que o mar nos separe.

*xipoco- fantasma

*xitarutaru- barco artesanal da zona sul de Moçambique

Atravessar o Silêncio
 (Ao Cláudio Daniel)
 por Amosse Mucavel

A memória é um inferno provisório onde os nossos dias visitam constantemente. na penumbra de um mar de esquecimento ladeado de flores que brilham ao som do silêncio. e ao entardecer , a neve embarca no murmúrio da água que bate nas pálpebras das pedras na solene viagem do nada. e para além do sal derramado nas margens, não via-se mais nada, pois o cinzento abacanhou a melancolia do céu que outrora fora azul. e difícil é, descortinar este lado invisível da distância que nos assiste. A ilha que nos espera é feita de papel que baloiça livremente nos olhos do mar-mil umas visões espalhadas no útero do passado, uma música embalada de presentes toca incansavelmente na febre do navio-onde é minha casa?

E no colo do futuro procuraremos acender as nossas identidades com o anzol que perdeu-se nas ondas da tempestade.

LEMBRANÇA
 (Ao Rui Knopfil)
 por Amosse Mucavele

Havia uma pétala vermelha que crescia no fumo de um cigarro. onde um homem puxava incansavelmente na esperança de querer vencer o medo que se instalava na porta dos seus devaneios E

Dentro da casa onde os sonhos eram

Guardiões.

Havia uma pedra encostada a janela onde sussurrava nos ouvidos de Inhambane (quando lembra-se de alguém de olhos abertos deve-se sonhar de boca fechada). Mas...

Ninguém deu ouvidos ao sussurro da pedra. Encostado à inocência da pedra um sujeito levantou a mão no meio da multidão que pescava predicados e outros silêncios na sala da casa. (Eu quero aprender a doutrina das cores que se manifestam nas pedras).

A pincel a saudade relampeja no arquipélago da insónia do meu poema (quando durmo sinto a sensação de acordar no terceiro dia, e quando morro passa-me pela cabeça a ideia de acordar no anoitecer das manhãs)

Na corda da lembrança há um mar que desagua os incensos das suas ilhas, há uma cegueira que se assiste o suicídio do arquipélago na insónia dos mangais.

Há uma L

A

G

R

I

M

A

que cai.

nos lavancos das ondas que ondulam na sepultura onde jaz a flor murcha de abandono.

Poesia Uma Realidade Supra Sensível por Amosse Mucavel

A poesia é o sol da imaginação que ilumina o nosso mundo real; um sol que já há séculos vem queimando o iceberg dos sentimentos do poeta vs leitor.

Mas este aquecimento da poesia, diga-se, Global, sente-se no árduo trabalho de limar a matéria-prima que fabrica o poema, e esta está ao alcance de todos seres viventes, vividos e ente-viventes.

António Carlos Cortez diz o seguinte: “Ao fabricar um poema há ainda uma sensação de que a escrita se autonomiza, não para se tornar nossa por separação do autor, mas para se tornar um corpo orgânico que vive por si só”.

Cabe a nós leitores “atentos” da nossa realidade, seja ela tangível ou intangível, aperfeiçoar a técnica do saber: “ver o que está à frente dos nossos olhos” pois “exige uma luta constante”

George Orwell subscreve a ideia da “luta constante” sem tréguas com a realidade que nos circunda; uma vez que a produção poética tem como seu paraíso um mar de águas profundas, onde a sensibilidade das geografias imaginárias e a insensibilidade das geometrias reais fazem o cerco ao mar que encarcera o poeta. E é neste cárcere que o poeta sente-se livre como um pássaro no chão do seu vertiginoso voo, onde antes da partida o mesmo acaricia os 4 ventos das grades que o prendem.

Dentro das grades o poeta cria uma pluralidade de espaços, de convívios, de interrogações, e afectos que desaguam na singularidade da poesia detentora de um “Estatuto Topológico (um lugar onde e donde)” (COELHO, 1972. pag 299.)

“Um lugar onde” “a linguagem poética se fala e se escreve”(BLANCHOT,97,pag 47); “um lugar donde” a imaginação resplandece e espalha-se no reino da realidade.

Segundo Leyla Perrone Moisés, “A poesia não pretende mais a primazia entre os discursos; assume-se como linguagem à parte não comunicativa, hermética, passando a ter um valor em si mesma, torna-se núcleo irradiador de sentidos infinitos, desafiando o leitor a dar prosseguimento ao acto criativo.”(2000,pag 27 in **A inutil Poesia de Mallarmé**)

ILUSÃO

O espelho não reflecte os medos que encharcam o meu silêncio. Muito menos as alegrias que degolam o meu sorriso.

As Vezes

O espelho mente a dizer verdades na inocência das incertezas que se amotina na vista alegre das minhas angústias.

A tocar flautas. Ao som do triste olhar da lupa

A atirar pedras. Para os olhos que se olham a procura da verdade das certezas pintadas a vermelho dos semáforos.

Paragem! Miragem?

As 4 rodas roncam (a morte, a angústia, o silêncio, a memória) na abstracta estrada da ilusão, onde F l o r e s apodrecem no verão esburacado da objectiva da maquina fotográfica. Múltipla visão (ordem e caos, verdades e mentiras) de olhos bem abertos na fechadura da alma amedrontada pela doce aparição do labirinto.

As flores atravessam a primavera (que a muito clama por elas) com sapatos de neve (cuidado o Verão e eterno) chutam o silêncio que habita a escuridão. e lá lá e lá lá

E lá do outro lado da margem, em pleno suar do inverno uma flor (esta) sem arvores nega de dar a voz as pedras.

Insiste. Persiste em aprender a ética da memória das flores que se escondem na estação última do tempo (o sono) com amarguras de alegrias e angústias. Deitadas no prato hasteado nas lágrimas da bandeira do futuro.

E no presente? Vejo a minha face multiplicada por 2 no quadro dos olhos deste Deus da Carnificina chamado espelho.

Assim sendo este poema toma de forma subjectiva uma realidade tangível a poesia que se instala nos olhos do leitor faz nos crer que a mesma é feita de inutilidades que no decorrer da sua digressão nas mãos do leitor a tornam útil para humanidade.

É neste prisma que apraz me dizer o seguinte: escrever poesia é colher perigos no covil do leão, onde parte-se com o conhecimento de causa dos dois destinos predefinidos

1º Assumir esta “morte vil” viagem sem volta, internacionalizar as duvidas, e procurar o suicídio desta voz rizomática no rugir do leão.

2º-procurar (sobre) na eternidade desta perigosa realidade, e afirmar a coragem de que é possível plantar sonhos nas garras do leão.

Há aqui indubitavelmente no poema acima lido uma paixão, uma sensibilidade supra sensível, com as coisas que a priori do ponto vista de um cidadão comum não tem nenhuma missão neste universo, e este poema vem mais uma vez mostrar, dar a conhecer os sentimentos do silêncio, as lágrimas das pedras, os sonhos das flores, os labirintos da memória e o tropel que a morte provoca.

Por exemplo: quando uma pedra estatela-se na poltrona da sua arca e um homem a pisa ou a chuta e em seguida o mesmo fica a contorcer-se de dores, com a pedra acontece o contrário ela fica alegre pois conseguiu mostrar ao homem a sua grandeza, a sua capacidade de o fazer chorar, e a sua força aglutinadora, conseqüentemente fê-lo ouvir a sua voz e dentro dela diz - eu sou capaz.

Estas coisas sem vida, mas com vida, convidam e transportam todas as musas para o infundável teorema da poesia. Um espaço impar onde a inutilidade das coisas e a utilidade dos sonhos reais procuram o aconchego para as suas vozes; vozes de medo, vozes de solidão, vozes de

alegria cavalgam em constante mutação para o silêncio onde de forma (in) consciente tomam de assalto a folha em branco:

As abelhas fabricam o seu zumbido ao anoitecer dos dias

E ao clarear da noite vendem a dor na matriz do mel amargo que as nossas bocas chupam

O zumbido das abelhas é multirrítmico como a marrabenta.

Doce como os desenhos afiados da navalha em linhas horizontais que a cada tracejado a vida calha e a morte não falha.

Mais uma vez assistimos um diálogo entre o zumbido da abelha e a malevolência da navalha e assim sendo surge a seguinte questão:

Como é que estas duas vozes que falam silêncios podem apagar a ternura da folha em branco?

Cesariny responde – *“pela saturação duma personalidade a disparar em todas as direcções, e não só nos textos”*

Quando fala-se de todas as direcções refere-se a sensibilidade do poeta, a super realidade que vem de dentro (a transpiração) e a realidade que nos circunda (a inspiração).



Amosse Eugenio Mucavele, nasceu aos 8 de julho de 1987 em Maputo- Moçambique. É membro fundador do Movimento Literário Kuphaluxa, sonha em ser poeta, cronista, e contador de sonhos. Faz parte da equipe editorial da Revista Literatas- Revista de literatura moçambicana e lusófona, colabora no Pavilhão Literário Singrando Horizontes, Academia de Letras do Paraná, Ricardoriso.blogspot.com, Jornal Coruja (Cida Sepúlveda). Organizou a Antologia da nova poesia moçambicana, publicada na Revista Zunai (Cláudio Daniel), tem poemas publicados na Revista Eutomia e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco, e em outros blogs. É membro Correspondente da Academia de Letras Teófilo Otoni-Minas Gerais.

É o novo Correspondente da Revista eisFluências, em Moçambique



OLIMPIADAS. O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA por Faustino Vicente



Londres ganha manchetes nos meios de comunicação do mundo todo, não apenas pela comemoração do Jubileu de Diamante, que marca os 60 anos no trono britânico da Rainha Elizabeth, mas por ser a sede da 30ª edição das olimpíadas deste ano. Os jogos olímpicos nasceram no berço da filosofia e da democracia do ocidente – a Grécia - no ano 776 a.C. na cidade de Olímpia. Foi interrompida no ano 393 d.C., por decreto do imperador romano Teodósio, e reativada pelo Barão Pierre de Coubertin em 1896, em Atenas, transformando-se no maior espetáculo da planeta azul.

Além das provas esportivas, haverá um desfile de valores e cores, usos e costumes, etnias e classes sociais, ritmos e idiomas, religiões, profissões e tradições. O marketing, as estratégias e as táticas serão bandeiras organizacionais. As olimpíadas representam a mais bela manifestação cultural da espécie humana. Os avanços da medicina esportiva, as

descobertas científicas e as inovações tecnológicas produzirão efeitos especiais em mais um lance da arquitetura da Paz entre os povos.

Como exemplo, citamos a evolução dos meios de comunicação através dos jogos olímpicos da era moderna: Atenas (1896), telégrafo; Paris (1924), rádio; Berlim (1936), cinema; Helsinque (1952), placares eletrônicos; Roma (1960), televisão e telex; Tóquio (1964), cronômetros eletrônicos e células fotoelétricas; Munique (1972), transmissão de TV via satélite e em cores; Seul (1988), fax; Atlanta (1996), telefone celular e em Sydney (2000), Internet.

Nenhuma manifestação social, econômica, cultural, política ou religiosa consegue globalizar todos os segmentos da sociedade internacional como esse evento singular. Entre as dezenas de modalidades encontramos no vôlei a expressão maior do espírito de equipe, o que nos leva a refletir sobre a necessidade de abandonarmos a gestão solitária e vivenciarmos a gestão solidária. Se concordarmos que “os movimentos realizados em conjunto pelos jogadores são chamados de tática”, concluiremos que é o vôlei que evidencia esse princípio de gestão com maior intensidade. A maioria dos pontos é resultado da logística dos três toques.

Das provas de atletismo – o “DNA” das olimpíadas – em que os atletas participam tendo ao lado os seus adversários, destacamos a corrida de revezamento (4x100) com bastão. Desta modalidade tiramos a lição de que as maiores perdas nas empresas residem na “passagem de bastão” entre os vários departamentos, principalmente, por falhas de comunicação – “o calcanhar de Aquiles” – da gestão. Uma das mais fascinantes provas é a corrida dos 100 metros rasos, que faz o mundo conhecer o filho do vento – o homem mais veloz da terra.

Ele treina durante quatro anos, para vencer uma prova em menos de dez segundos. Esta é maior evidência de que o aperfeiçoamento continuado agrega valor. Revelamos a resposta que um atleta deu ao repórter, quando perguntado sobre quem será o seu maior adversário. Ela veio como uma flecha certa: “Eu mesmo. Tenho que superar a mim mesmo. Sou o meu único adversário”. Assim, cada um de nós deve encarar a vida. A nossa limitação encontra-se em nossa mente. Para conseguir a superação alguns entendem que a palavra-chave é determinação, outros pensamentos positivo e, para muitos, o segredo está na fé.

Todos os esportistas que irão competir na Inglaterra são tecnicamente exemplares, mas somente os excepcionais gravarão, com letras douradas, seus nomes na história, provavelmente, por um detalhe – o equilíbrio emocional. Na “olimpíada da vida” uma carreira bem-sucedida pode estar numa pequena diferença, por exemplo, “na beleza de ser um eterno aprendiz”.

Como homenagem à Grécia de todos os tempos, encerramos com a “frase imortal” do célebre filósofo Aristóteles (384-322) a.C.: - “Só fazemos melhor aquilo que repetidamente insistimos em melhorar. A busca da excelência não deve ser um objetivo e, sim, um hábito.”

* Faustino Vicente

Consultor de Empresas e de Órgãos Públicos, Advogado e Professor.

Jundiá (Terra da Uva) – São Paulo - Brasil

DUAS POETISAS E SEIS SONETOS
Conversa entre poetas
 por Marco Bastos

Nessa publicação promovo a interação entre duas das mais talentosas sonetistas na atualidade brasileira – **Edir Pina de Barros e Márcia Sanchez Luz**. Os estilos e a temática diferem nos sonetos das duas poetisas. Edir trabalha mais frequentemente temas sociais ligados à sua formação de antropóloga e Márcia tem poesia de cunho mais existencial. O lirismo e a ecologia estão presentes no trabalho de ambas. Quanto à forma, arrisco-me a dizer que a linguagem de Edir tende ao classicismo enquanto Márcia tem uma linguagem menos formal. Ambas são perfeitas no que concerne à qualidade literária e ao esmero na expressão em língua portuguesa. A seguir, o leitor poderá apreciar as respostas ao questionamento que fizeram entre si e se deleitar com os poemas de que são autoras. **Marco Bastos**.

Edir Pina de Barros: Uma pessoa extremamente inquieta, apaixonada por tudo que faz. E sem paixão nada faz. Que gosta imensamente de atravessar fronteiras culturais e gosta de desafios. Uma pessoa simples e que ama a liberdade. Uma voz que clama pelo respeito ao “outro”, pelo direito à diferença. Uma cabocla mato-grossense que ama o cerrado, o pantanal, os rios, as pessoas simples, a diversidade humana. Como poeta assina, também, Flor do Cerrado. Por quê? Porque admira a sua singeleza, sua resiliência. As flores do cerrado nascem sem serem plantadas e renascem das cinzas das queimadas. Logo que caem as primeiras chuvas lá estão elas, a colorir a vida.

Além de excelente poeta, outras profissões? Sou antropóloga, especialista em Etnologia Indígena, sobretudo. Meu único ofício foi ser professora universitária, docente em programas de graduação e pós-graduação em Educação e em Saúde Coletiva (mestrado e doutorado). Sou sempre referida como a “mulher das interfaces”. Nunca exerci uma antropologia purista. Sempre estabeleci diálogos transdisciplinares, sobretudo com a história, a saúde, o direito e a educação. Fui também professora de povos indígenas, contribuindo para a sua formação em nível de magistério e posterior prosseguimento dos estudos. Participei na construção de políticas públicas (Parâmetros Curriculares Nacionais; Referencial Curricular Nacional para os Povos Indígenas; políticas de formação de agentes de saúde indígenas, definição de políticas voltadas ao atendimento da saúde dos povos indígenas, dentre outras).

Fui também professora de professores leigos do campo (região norte mato-grossense) participando de sua formação universitária. Sou perita judicial em processos que envolvem terras indígenas e quilombolas. Agora estou a me dedicar, também, ao estudo dos Calóns que, juntamente com os Rom e os Sinti são conhecidos como “ciganos” aqui no Brasil. Avisei: sou inquieta! Muito inquieta!

Você se dedica ao estudo teórico do verso e da versificação? Sim, poeta não nasce pronto, penso eu. E escolhi o soneto. No momento estou a reestudar Teoria do Verso, de Rogério Chociay, um excelente livro para quem se interessa por formas fixas. Não se faz sonetos, você sabe Márcia, sem dedicação, estudo e leitura de clássicos observando a métrica, o ritmo. Escrevo rondeis, cordéis, indrisos, trovas, sextinas. Mas adoro soneto. Escrevo mais o decassílabo e gosto muito do alexandrino. Comecei a fazer soneto em 2009.

O que produz o poeta, se ele não nasce pronto? Penso que o poeta – como já disse alhures, em outra entrevista - é uma síntese única de todos os poetas que o precederam e que teve oportunidade de ler, conhecer ou ouvir, como no caso dos poetas populares. O poeta é, em parte, produto sociocultural, caligráfico ou não, como é o caso do cancionero popular, que tem raízes profundas. Mas sua inserção em uma dada cultura, no espaço e no tempo, não basta. Há fatores que são de outra ordem e que atuam no processo de produção do poeta. Depende da sensibilidade de cada um – do “espírito”, da “alma” – da capacidade de sentir e traduzir em versos suas emoções. Mas nem todos os indivíduos de um dado grupo de pessoas que estabelecem entre si relações primárias se tornam poetas. Trocando em miúdos, o poeta emerge de interações ímpares entre indivíduo e sociedade, seja ela ágrafa ou não. Eu, por exemplo, cresci lendo clássicos da literatura (Olavo Bilac, Castro Alves, J.G. de Araújo Jorge, Augusto dos Anjos, Machado de Assis, Casimiro de Abreu, Pedro de Alcântara, Shakespeare, Dante, Camões). Meu pai é sonetista e foi um dos meus mestres. Enveredei-me pelos caminhos do clássico e isto é impossível sem estudos das teorias do verso. Conheço escritos indígenas que carregam em si, estruturas próprias de suas culturas oralizadas, marcadas por outras formas de pensar a vida, o tempo, o espaço. Como se vê essa é uma questão complexa, que envolve relações objetivas e subjetivas da relação humana com o mundo. O poeta é um sujeito histórica e culturalmente localizado. Daí a diversidade existente no campo da poética.

Fale sobre sua poesia. Sou culturalmente multireferenciada e isso deixa suas marcas em meus escritos. Sou uma boa escutadora de mitos indígenas, por exemplo. Os mitos são fontes elementares de poesia. A força da história vivida, que aprendo com tantos “outros”, também tem seu peso na minha forma de ver e sentir o mundo. A violência do jugo colonial dos povos que estudo me torna dia a dia mais sensível. Vários eus-líricos se fazem presentes em meus poemas que materializam o meu amor pela natureza, a minha indignação diante das condições de vida de outros segmentos sociais (meninos de rua, povos indígenas, afrodescendentes, prostitutas, ciganos, etc.). Ou mesmo diante de relações mais amplas como entre Oriente e Ocidente, colonizadores e povos milenares da América. Outros poemas falam da paixão, do amor fraternal, da saudade, da vaidade, da vida. Escrevi três dezenas de sonetos dando voz ao meu eu-lírico masculino. Minha poesia é isso, fruto de travessia de muitas fronteiras.

Confissões de amor

Eu gosto meu amor, quando me fitas
 co' esse jeitinho teu maroto e terno,
 fogoso, que me aquece o frio inverno,
 silente como as preces mais benditas!

Eu amo quando finges que me evitas,
 e assim me espreitas como um ser superno,
 se amor imploro e meu desejo externo,
 tirando de meu corpo as minhas chitas.

Adoro quando chegas de repente,
 trazendo pão de queijo e vinho tinto,
 quiçá bouquet de rosas cor carmim...

Ou quando em mim deslizas qual serpente,
 trocando teu recato pelo instinto,
 e assim te rendes sem pudor, a mim!

Ao meu eu-lírico masculino denominei Caçador. É a primeira vez que revelo publicamente isso. Há 30 sonetos assinados por ele no Recanto das Letras, mas aqui apresento apenas um:

PULCRA!

Melenas d'oiro! Olhar febril, vorace!
 Alabastrina tez, jeitinho airoso,
 de corpo delicado, mui fermoso,
 e mais fermosa ainda a sua face!

No colo feminino há duas luas,
 repletas de fulgores, purpurinas,
 que viçam por detrás das vestes finas,
 e mil veredas há nas curvas suas

Seu corpo é promessa d'aventura,
 seu alongado olhar, sem quaisquer pejos,
 promete tanta cousa, ó, meu Deus!

Quisera enrubescer a sua alvura,
 co'a chama do prazer, dos meus desejos,
 quisera ir morar nos sonhos seus!

Como a poeta Edir produz poemas? Existe algum método? Escrever, para mim, é exercício de libertação continuada de sentimentos em meio a mais profunda solidão. O texto poético me vem como uma cascata incontida de sentimentos em versos. Escrevo o soneto observando apenas as rimas. Depois de estruturado reviso a sonoridade, o ritmo. Creio que o fato de haver estudado harmonia e piano se faz presente nesse processo de criação. Os versos, na maioria das vezes, me atropelam. Brotam com força dentro de mim e explodem na tela... Não escrevo à mão, nunca!

O que a poesia representa em sua vida? Poesia para mim é isso, tradução de emoções vividas na relação com o mundo, com o "outro", transmutadas em versos escritos ou não. Deve ir além do ego, muito além.

O que você pensa da poesia pós-moderna? Acha que ela é valorizada como deveria? O que vem a ser um poema pós-moderno? Revolução literária? Ou o império do caos? Incapacidade de criar? O mundo é diverso e diversas são as formas do fazer poético, de expressar o belo. Mas veja, o belo é a expressão de juízo de valor. Acho que ocupa o espaço que merece na história da literatura.

E quanto aos poetas vivos, você acredita que somos reconhecidos ou só o seremos depois de mortos? Pergunto porque quase nunca vejo outros poetas fazendo referências aos seus contemporâneos... Não me

preocupo com isso... Quero cantar ao mundo as experiências vividas, sentidas e traduzidas em forma de poemas. Não tenho pretensões literárias em relação à poesia. Apenas necessito escrevê-las!

Este soneto foi premiado em concurso nacional (Primeiro lugar – Chave de Ouro)

Grafismo indígena

Essa tua pele mais parece tela
toda pintada em tons da natureza...
Materializa mito que desvela,
antiga história, tanta profundidade!

Em delicados traços, com cautela,
nessas pinturas, feitas com firmeza...
Uma cultura ímpar se revela!
em seu silêncio encerra grã beleza!

Morena tez, trazendo ao cotidiano,
sagradas leis do cósmico, do humano,
toda memória, enfim, dos tempos idos!

Em cada traço, preenhe de sentidos!
Uma epopeia! Tempos bem vividos
em território livre, soberano!



Edir Pina de Barros, Bacharel em Ciências Sociais e mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília; doutora e pós-doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Etnóloga, atua principalmente nos seguintes temas: saúde indígena, vulnerabilidade social e aids, políticas públicas, diversidade sociocultural e direitos humanos, antropologia pericial, educação indígena, diversidade sociocultural; relações étnicas e laudos judiciais como perita de juízes (terras indígenas e quilombolas). Seu livro - *Os Filhos do Sol* - publicado pela EDUSP em 2003, foi indicado por essa editora ao Prêmio Jabuti 2004 (melhor livro de Ciências Sociais e Capa). Poeta, sonetista, trovadora e repentista (literatura de cordel) tem publicações em mais de quinze antologias nacionais. Primeiro lugar no concurso nacional de sonetos da Academia de Letras de Jacarey (SP), em setembro de 2009, com o soneto *GRAFISMO INDIGENA*. Em 2011 publicou *Luzes & Sombras (Poesias)*, em parceria com seu pai, Antonio Lycério Pompeo de Barros.

Curriculum Lattes - atualização em 04/10/2011:

<http://lattes.cnpq.br/7196341336879638>

Márcia Sanchez Luz, quem é a pessoa por trás desses lindos poemas que li no "O Imaginário"? A mulher que palpita em forma de poemas? Como é sua vida cotidiana?

Uma pessoa simples na forma de viver, mas complexa e cheia de questionamentos acerca do mundo e da vida. Alguém que vive um dia de cada vez, como se cada dia fosse uma caixinha a ser aberta e descoberta a cada instante. Dizem que sou zen... devo ser mesmo...rss... Não fico pensando no amanhã, como também não vivo o passado. Relembra-lo já me basta.

O que é a poesia para Márcia? Poesia é o ar que respiro, é meu alimento espiritual... a partir dela explico vivências e a maneira como vejo o mundo. Quando falo em vivências, não me refiro só a mim, mas principalmente às diferentes pessoas que habitam meu imaginário e a realidade que me cerca. Você havia perguntado se só escrevo sonetos de amor. Respondo: sim e não. Como isto é possível? Simples... Acredito no amor como motor da vida – e que está se perdendo a cada dia, infelizmente! Não digo do amor carnal, mas do amor ao próximo, da empatia – capacidade de enxergar o outro como ele é, não como gostaria que fosse, o que envolve respeito. E aqui incluo a empatia e o respeito pela natureza... Dou como exemplo um de meus sonetos, recentemente agraciado com o Prêmio Bem Te Vi, "Turbilhão no céu"... O amor está presente (não sei viver sem amar), porém não tem nada a ver com a carne – é o amor à vida, a celebração diária e constante da existência.

Por que escrever poemas? Por que não escrevê-los? É uma forma de expressão, das que mais gosto.

Quais seus poetas preferidos? São tantos! Dos que já se foram citaria Baudelaire, Camões, Pessoa, Bilac, Drummond, Vinícius de Moraes e Leminsky. Contemporâneos e vivos, graças a Deus, não poderia deixar de falar de Leila Miccolis, Graça Graúna, Airo Zamoner, Luiz de Miranda, Soares Feitosa, Samuca, Elza Fraga, Nathan de Castro, Marco Bastos e por aí vai... Tem muita gente boa, poetas de qualidade inegável!

Quais as suas influências literárias? Os parnasianos, Neruda, Borges, Pessoa, mas como lia muito, desde pequena, creio que a literatura me pegou de jeito... Deste modo, fica difícil dar nomes...

Como a poeta Márcia produz poemas? Existe algum método? Sabe, Edir, os poemas podem surgir de uma ideia ou de uma simples frase. Quando começo a colocar as ideias no papel, ou melhor, no editor de textos, preciso, fundamentalmente, de privacidade, solidão e silêncio para que comece a trabalhar o poema...

Comente sobre a sua poesia? Creio já ter comentado acima... rs... Na verdade, deixo os comentários para meus leitores, fundamentais em meu crescimento como escritora.

Tem preferência por sonetos? Outras formas fixas? Sim, soneto exige atenção, roteiro e muito trabalho! Isso não me impede de escrever versos livres, porém.

Por que fazer sonetos hoje? Por que não fazê-los? Não entendo expressão artística como algo estático, com data e local definidos...

Quais as principais características da poetisa Márcia que se refletem em seus poemas? Talvez o amor à vida...

O que produz o poeta, se ele não nasce pronto? Indagação, dom, talento e perseverança.

Você se dedica ao estudo da teoria do verso e da versificação? Não mais... é algo que já está interiorizado, mas se precisar estudar mais, vou em frente e me dedico de corpo e alma.

Como a poeta Márcia pensa, vê a relação entre produção poética e internet? Como a internet é um espaço democrático, achei que seria interessante divulgar poesia e torná-la algo mais acessível à população que não tem como escolher entre a comida e a leitura. Assim, decidi criar um blog, o "Márcia Sanchez Luz", com o intuito de publicar não só meus poemas, mas também os de diversos escritores. Como não queria me ater só à poesia, optei por divulgar eventos e notícias culturais. "O Imaginário" surgiu a partir da ideia de centralizar parte de minha obra em um blog, diferentemente do primeiro – o qual continuo sempre atualizando. Como a interação com os leitores é grande e extremamente gratificante em blogs, comecei a pensar na possibilidade de reunir os melhores comentários em outro espaço, o "Repercussão Literária – Fortuna crítica da obra de Márcia Sanchez Luz", como uma forma de retribuir o carinho imenso que recebo de todos que me leem.

MÁRCIA SANCHEZ LUZ: *Natural de São Paulo, capital, Márcia formou-se em Literatura Inglesa e Francesa. É escritora (poesia e prosa), pedagoga e tradutora de Inglês e Francês. Iniciou sua vida profissional como tradutora e redatora, tanto de manuais técnicos como de normas de documentação e projetos na área de Informática. É autora de diversos trabalhos de tradução e versão técnica nas áreas de alimentos, refrigeração e informática. Na área de Psicologia, desenvolveu um trabalho voluntário com crianças*



límitrofes. Escreve poesias desde os nove anos de idade, sempre se mantendo, por opção, no anonimato. Atualmente vive no interior de São Paulo, onde continua com seu trabalho de tradução, além de ministrar aulas de Inglês e Francês. Em novembro de 2006 decidiu que chegara a hora de partilhar relatos de suas vivências, até então interiorizadas.

"Escritora Imortal" pela Academia de Letras do Brasil.

Cônsul Poetas del Mundo

http://www.poetasdelmundo.com/verInfo_america.asp?ID=3759

Verbete na Enciclopédia Escritores Brasileiros da Real Academia de Letras.

Livros editados: Quero-te ao som do silêncio! (2010), Porões Duendes (2008), No Verde dos Teus Olhos (2007)

Antologias: Siedade dos Poetas Vivos digital, volumes 4, 9 e 12 em Blocos Online, onde tem suas páginas individuais de poesia e prosa; Trovas premiadas e publicadas na Antologia "Projeto de Trovas para uma Vida Melhor" (UBT); Antologia de Natal, em Blocos Online (2009); 1ª Antologia Poética Contemporânea (Editora Prototexto, 2010); Melhores da Poesia Brasileira (Editora All Print, 2012) – soneto agraciado com o Prêmio Cultural Bem Te Vi. **Entrevistas concedidas:** À Mona Dorf, jornalista de O Estado de São Paulo, para o programa Letras & Leituras; A Luiz Eduardo Caminha, âncora do programa Stammtisch (TV GALEGA, Blumenau); A Selmo Vasconcelos para a 1ª ANTOLOGIA POÉTICA MOMENTO LÍTERO CULTURAL

Publicações em mídia impressa: Jornal Alto Madeira; Jornal O Rebate; Jornal Rondônia Ao Vivo; Jornal Fala Brasil de Porto Alegre; Jornal Gazeta Mercantil.

Seus espaços na web:

O Imaginário - <http://poemasdemarciasanchezluz.blogspot.com>

Márcia Sanchez Luz - <http://marciasl2001.blogspot.com>

Repercussão Literária - <http://marciasanchezluz.blogspot.com>

Lua Negra

© Márcia Sanchez Luz

Amo demais que até ferida brota
na cálida, escondida lua negra
dos meus delírios (dor que desintegra
calma desnuda em chuva de gaivota).

Os olhos choram mares, geram grotas,
fabricam densa nuvem que se integra
ao corpo equivocado pela entrega
sofrida num adeus desfeito em gotas.

Amo demais, eu sei, mas o que faço
se de outro jeito não conheço o amor?
A minha sina é nunca combater

o que me atrai e gera descompasso.
Se por um lado existe o dissabor,
tenho da vida a flor que vi nascer.

Segredos de beija-flor

© Márcia Sanchez Luz

Um beija-flor pousou em meus cabelos
e me contou segredos de outras terras.
Falou dos mares, rios e das serras,
dos seres mágicos, frugais modelos

do que é ser puro, do que é ter desvelo
pelo universo, pela biosfera.
Em nosso orbe a vida já se ulcera
e dele conhecemos o novelo,

o trágico final que se apresenta
e delinea a era que virá.
A natureza avisa mas se isenta

se não olharmos todos seus sinais!
Um beija-flor pousou em meus cabelos
e me cobriu de beijos musicais...

Turbilhão no céu

© Márcia Sanchez Luz

O céu estava assim, sem desencontros:
pariu o sol e a lua em pleno dia,
mostrou a criação que contagia
e não deixou de achar que estava pronto

para fazer da tarde, mais que encontro,
um turbilhão de cores e magia,
como se fora aberta galeria
a quem quisesse olhar de longo a longo

a vida escrita pela natureza.
Foi como o despertar de uma esperança
que morta se mostrava. Era a beleza

expondo seu vigor, toda a pujança
(tão própria de quem luta e sempre brilha)
pois que é imortal guerreira e não se cansa!

In memoriam de Joaquim Evónio, um poeta, um amigo por Nuno Rebocho



Nuno Rebocho entrevistando Joaquim Evónio para a RDP no Encontro Zero da Lusofonia, em Murça/2006

Chocou-me a notícia da morte de Joaquim Evónio. Brutal, seca, distante. É sempre duro e triste o conhecimento de que houve o falecimento de alguém: poucas houve que me alegraram, que me fizeram saltar aos ares de contente – tirante as de Oliveira Salazar e de Pol Pot, suponho que mais ninguém. Mas esta, a do Evónio, na sua singeleza, feriu-me imenso, até porque me chegou, ao “exílio” de Cabo Verde, no mesmo dia em que recebi a informação do perecimento de um outro grande amigo meu, o director da revista “Cargo”, o Luís Filipe Duarte. Mas esta já era esperada há muito, que há anos o Luís Filipe se encontrava gravemente doente.

Uma apertada camaradagem me ligava ao Evónio. Sempre que se propiciava, quando ia em serviço a Lisboa, procurava uma troca de galhardetes com ele, por vezes uma simples conversa telefónica às vezes. Mas era, sem dúvida, uma amizade que eu prezava e cultivava. Para mais, éramos oficiais do mesmo ofício – quer dizer, amadores das musas, poetas ou o que queiram chamar a essa coisa de poetar pelos cantos.

Conheci o Joaquim já há uns anos. Publiquei mesmo poemas seus em duas antologias que editei – “Gabravo” e “Na Liberdade”. Apresentei-o em sessões públicas, onde servi de animador, como foram a “Festa da Poesia” num bazar-galeria de Sintra (do também meu amigo, o pintor Ernesto Neves) ou “Poesia à Mesa”, num restaurante em Carnaxide, então pertença de outro grande compincha cheio de ideias “malucas” como as nossas, o jornalista José Leite.

Convidei-o para o lançamento de alguns livros meus, com realce para os “Poemas

do Calendário”, que foi no Museu da República e Resistência, em Alvalade, o que me deu muito gozo: o Evónio fora militar, preso pela PIDE (policia política do fascismo português) na Trafaria, por envolvimento na tentativa de golpe de Estado das Caldas da Rainha, em Março de 1974. A sua ida ao Museu seria, talvez, um engulho para muita gente, toda ela esquelada, já que era patente que o Evónio torcia o nariz a muita coisa que aconteceu em Portugal após a revolução de 25 de Abril.

Nisto ele tinha muito em comum com outros amigos meus que fizeram o golpe militar de Abril ou para ele contribuíram: por exemplo, o tenente-coronel dos “comandos” Jaime Neves, um dos heróis do golpe de Abril, que eu então conheci no assalto ao quartel da Legião Portuguesa e em cujo carro de assalto eu estive nessa acção, ou o já falecido António Ramos (que esteve preso, com o Evónio, na Trafaria), ou Casanova Ferreira, para já não falar nesse homem, a todos os títulos notável, que foi o capitão Melo Antunes.

As minhas relações com o Joaquim de certo modo esfriaram nas vésperas de eu partir para Cabo Verde, já lá vão uns doze anos. Foi num encontro, julgo que em Rio de Mouro, em que ele, à viva força, me quis trazer para a sua “Ordem de Escritores”, suponho que para isso animado por um outro seu amigo radicado no Brasil. Expliquei-lhe que a melhor “ordem” que eu conhecia era a desordem, numa tentativa de não o desanimar e de que compreendesse as suspeitas que a referida “Ordem” me suscitava. Debalde.

Enfim, os desentendimentos despontam mesmo nas maiores amizades. Continuei, contudo, a cultivar o nosso companheirismo e cheguei a colaborar na sua “Varanda das Esterlícias”, cujo labor me recordava, de certa maneira, os “anos da brasa”, quando entusiasmadamente - com o pseudónimo de L. H. Afonso Manta (hoje assumo-o) - colaborei no “Comércio do Funchal”, o jornal cor-de-rosa, juntamente com o Vicente Jorge Silva, o Ricardo França Jardim, o Anã Regala, o Carreira Bom e tantos outros.

Enrísteci com a “debandada” do Joaquim Evónio. Fiquei muito mais pobre. Enfim: “lá” nos encontraremos um dia...

Nuno Rebocho
Cidade da Praia- Cabo Verde

Eleições autárquicas em Cabo Verde Não houve tira-teimas que valesse... por Nuno Rebocho

Houve tira-teimas com a repetição do escrutínio em duas mesas de Assomada (Santa Catarina de Santiago) por estúpida decisão do Supremo Tribunal de Justiça arvorado em Tribunal Constitucional: à falta de argumentos substanciais e obedecendo às ordens do poder político (PAICV), os senhores juizes até falharam na aritmética nas decisões vindas a público, nas quais acusavam os escrutinadores de erro de somas. Enfim, valeu tudo... Mesmo assim, o PAICV voltou a perder neste círculo eleitoral – o Executivo da Câmara foi para o MpD -, ganhando todavia (por dois votos!) a sua Assembleia Municipal.

Valeu tudo, menos o arrancar de olhos. Até os votos nulos entraram na contabilidade paicévista, numa desgraçada macaqueação de democracia. Feitas as contas finais, o PAICV sofreu a maior derrota de sempre em eleições, embora - num golpe de demagogia – o Primeiro-Ministro reinante em Cabo Verde, José Maria Neves, num artigo que fez publicar no jornal “A Semana”, tenha querido transformar a coisa num excelente resultado. Das 22 Câmaras (prefeituras) existentes num país com 450 mil habitantes, a larga maioria é governada pela oposição. O MpD detém 14: Brava, Praia, Ribeira Grande de Santiago, S. Domingos, Santa Catarina de Santiago, Tarrafal de Santiago, Calheta de S. Miguel, Maio, Boavista, Tarrafal de S. Nicolau, Sal, S. Vicente, Paul, Ribeira Grande de Santo Antão. E o PAICV fica reduzido a 8 Câmaras: S. Filipe, Mosteiros, Santa Catarina do Fogo, S. Salvador do Mundo, Santa Cruz, S. Lourenço dos Órgãos, Ribeira Brava e Porto Novo.

Ou seja, o MpD detém as principais cidades (Praia, Mindelo e Assomada), apenas deixou que a ilha do Fogo continuasse como baluarte paicévista, perdendo embora Porto Novo, na ilha de Santo Antão, mas recuperando Paul e Tarrafal de S. Nicolau.

Os democratas cristãos (UCID) estão sem representação autárquica, tendo sido varridos em S. Vicente, onde chegaram a prever a vitória. Feita a votação e realinhados os poderes, prevêem-se dias muito difíceis em Santa Catarina de Santiago, onde a força dos principais partidos está anulada (Executivo da Câmara para o MpD e a Assembleia Municipal para o PAICV), tendo que, dentro de um ano, ir a novas eleições por estar bloqueada a aprovação do respetivo orçamento. O mesmo pode acontecer em S. Filipe do Fogo, onde a maioria do PAICV, por divisão no seio do partido, ficou em minoria política (o número de vereadores e deputados é menor que a soma dos vereadores do MpD e da lista do independente Eugénio Veiga). Deste modo, estando no Governo, controlando a comunicação, as forças armadas e os tribunais, o PAICV suporta a vigilância ativa da Presidência da República, que lhe é contrária, e a inimizade da larga maioria das autarquias. Dias perigosos para a sobrevivência de um Primeiro-Ministro (José Maria Neves) em aparente fim de ciclo e sem fôlego para os prodigiosos malabarismos a que a demagogia política usa habitualmente deitar mão.

Nuno Rebocho
Cidade da Praia/ Cabo Verde

LAS DOS CARAS DE LA MONEDA de María Sánchez Fernández



En los primeros días de Julio de este año 2012 en que vivimos se han producido en España unos sucesos tan dispares, que han tenido y tienen a nuestra sociedad pendiente en el sube y baja de una balanza caótica que da vértigo.

Primero esta balanza se inclina hacia el positivismo, a la euforia y a la gloria: ¡¡goles!!, ¡¡vivas!!, ¡¡risas!!, ¡¡gritos!!, lágrimas de emoción. La Selección Española ha triunfado y es nuevamente campeona, es la ganadora de la Eurocopa, del noble deporte que es el fútbol. España está en el ánimo de la gente como en el mismísimo cenit de la gloria. Es la moneda lanzada al aire que cae mostrando su cara de sonrisas, de promesas y de júbilos

Este triunfo nos ha absorbido el seso de tal manera, que hemos olvidado por unos días la terrible crisis por la que está sufriendo Europa y lo que más nos concierne a los españoles, lo que está padeciendo España. Inmediatamente la balanza se inclina al lado opuesto, al negativo, y la moneda vuelve a caer mostrándonos su otra imagen, la cruz del pesar y el desaliento.

Vemos que después de un descontrol sin medida en nuestra propia administración privada, estamos sufriendo el descontrol sin límites de la Administración Estatal, que es la más importante puesto que ella es la que nos rige. Todos hemos sufrido el engaño..., la manipulación..., el fraude. Sí, hemos sido manipulados y engañados.

Ahora están presentes las vacas flacas, hambrientas, que quieren engullirnos a base de “recortes”, que son los pedacitos que nos quedan de nuestra propia dignidad. Subida de impuestos y bajada de salarios. Miseras pensiones congeladas y la paga extra de Navidad, que fue la ilusión y el desahogo para la economía familiar de muchos hogares, también anulada..., diluida. Empresas cerradas y por supuesto puestos de trabajo eliminados. Familias que han perdido sus viviendas en el pozo sin fin de los bancos por no poder pagar la hipoteca al no contar con un sueldo fijo a causa del paro.

¡¡Los “recortes”!! Si la economía de un país está al borde del caos unámonos todos a salvarla, pero ¡¡TODOS!! ¿Por qué unos sí y otros no? Solamente ha recaído en los funcionarios y en los trabajadores de distintos sectores. ¿Es que el ciudadano de a pie no paga religiosamente sus impuestos? Siempre los ha pagado. ¿No somos la clase media la que con esos impuestos y distintas cotizaciones ayudamos a construir autopistas, hospitales y universidades y con ello creamos puestos de trabajo? Ahora los suben y bajan los salarios.

. ¿No nos damos cuenta que con esto también baja la economía de un país? Si no hay dinero no hay poder adquisitivo y el comercio se va a pique. Si no hay trabajo la Seguridad Social no tiene entradas y la sanidad y las prestaciones se resquebrajarán.

Esa evasión masiva de capitales a paraísos fiscales y que dejó a nuestro país “tiritando”. Esas cuentas clandestinas que han ido engordando muchos bolsillos ¿No tienen sanción ninguna? ¿Por qué el honrado trabajador que se gana su salario con sudor y esfuerzo es el que ha de pagar los platos rotos y el que tiene que sacarnos de la crisis?

El día 11 de julio fue la manifestación en Madrid, llamada la “Marcha Negra”, de los mineros de Asturias, León y Aragón sumándose a ella en acto de solidaridad trabajadores del mismo sector venidos de distintos puntos de España. Ellos, curtidos y duros trabajadores, se han unido como un solo hombre para defender sus derechos al trabajo y a la defensa del carbón de sus minas, sustento de muchas familias desde años inmemoriales. A ella se unieron ciudadanos de Madrid y otras provincias respaldando con simpatía esta concentración. Dicen que la unión hace la fuerza y la solidaridad hace milagros.



Este comentario es una reflexión del “yo” imperativo que invade a la Sociedad. Endiosamos al campeón porque él mismo nos endiosa a nosotros ante el mundo. ¡Somos los mejores! Aquí está nuestro ego.

El gobernante se endiosa y dice “Yo mando porque me habéis elegido e impongo mi voluntad que es Ley.

¡Ay, queridos lectores! ¿Qué es el ser humano? Algo muy hermoso creado por la voluntad de Dios, pero nada más.

Aquí os ofrezco un mínimo relato bilingüe que lo condensa todo.

(Mi agradecimiento a mis amigos Eduardo e Irany Lecea que han tenido la gentileza de traducirlo al portugués.)

UN BREVE RELATO

María Sánchez Fernández

He aquí un relato tan breve como la vida y tan eterno como la muerte:

Vino a la vida siendo empujado a ella bruscamente.
¿De dónde vino? Nunca lo supo.
¿De la nada?
¿Del vacío?
¿Del silencio?

Traía una envoltura frágil: su único equipaje.
Nada más ver la luz emprendió su andadura por un largo camino que bordeaba riscos y remansos; vergeles y desiertos.
Fue feliz e infeliz. Rió y lloró. Odió y amó.
A veces se preguntó: ¿quién soy?, mas nunca supo darse una respuesta.

El camino era duro y la mochila cada vez más pesada.
Llegó a un puerto aéreo y se dispuso a tomar un vuelo.
No quería equipaje. Lo tiró a un pozo negro y frío y se sintió libre.
Y voló y voló, pero, ¿hacia dónde? Él no lo sabía.
¿Cuál era su destino?
¿Su vuelo tenía un destino?
¿Qué puerto le esperaba?
Lo envolvió una inmensa paz que le respondió:

¡Quien sabe si el de la nada..., el del vacío..., el del silencio...!



UM BREVE RELATO

María Sánchez Fernández

(Versão em português por Eduardo e Irany Lecea)

Eis aqui um relato tão breve como a vida e tão eterno como a morte:

Veio à vida sendo empurrado bruscamente para ela.
De onde veio? Nunca soube.
Do nada?
Do vazio?
Do silêncio?

Trazia uma envoltura frágil: sua única bagagem.
Ao ver a luz empreendeu sua andadura por um longo caminho que bordeava picos e remansos; vergéis e desertos.
Foi feliz e infeliz. Riu e chorou. Odiou e amou.
Às vezes se perguntou: quem sou? Mas nunca soube dar-se uma resposta.

O caminho era duro e a mochila cada vez mais pesada.
Chegou a um porto aéreo e se dispôs a tomar um voo.
Não queria bagagem. Atirou-a a um poço negro e frio e sentiu-se livre.
Voou e voou, mas, para onde? Ele não sabia.
Qual era o seu destino?
Seu voo teria um destino?
Qual o porto lhe esperava?
Envolveu-o uma imensa paz que lhe respondeu:

Quem sabe se o do nada..., o do vazio..., o do silêncio...!



María Sánchez Fernández

Úbeda – España. 15 de Julio de 2012

POESIA DE VALMIR JORDÃO

por Clóvis Campêlo



Valmir Jordão é poeta, performer e ativista literário. Participa dos movimentos literários desde 1979.

É integrante do grupo de poetas boêmios e que fizeram história paralela à vida acadêmica-intelectual do Recife. Neste grupo podemos incluir Erickson Luna, Francisco Espinhara, Jorge Lopes, Hector Pellizzi, Heloísa Bandeira, Lara, Fred Caminha, Celso Mesquita, Wilson Vieira, Joca de Oliveira etc. Participou do Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco (MEIPE) e colaborou com diversos fanzines que circularam no Recife a partir da década de 1980: Balaio de Gato, Caos, Lítero Pessimista, Folha ao Vento, PROESICANTEATROZ, De Cara com A Poesia, Poesia Descalça, Samsara, OVNI etc.

Na década de 90, fez recitais no Espaço Antropófago com Ivan Maia, Carlos Carlos, Marta Braga, Miró, Sílvio Romero, Humberto Felipe, Ivan Marinho, Samuca e Jomard Muniz de Brito, dentre outros. Foi um dos organizadores das Coletâneas de Poesia Marginal Recife I, II, III, IV e V. e do POESIA NA PRAÇA, recital itinerante pelos bairros do Recife, com a participação de 50 poetas.

Tem participação no filme Ninguém me Ama, ninguém me quer, ninguém me chama de Baudelaire, de Diego Mello e Pedro Saldanha. Valmir é um poeta versátil e uma referência na

poética de versos curtos, verve irônica, carregada de trocadilhos.

DO TRICENTENÁRIO DE ZUMBI

Valmir Jordão

Quilombo, Angola-Janga,
guerreando pra viver em paz,
igualdade direito de todos
salvaguardado pelos Orixás.

N'zambi, Zombi, Zumbi grande chefe
engravidou a Serra da Barriga,
de negritude, coragem, resistência
quilombola guerreiro bom de briga.

Mombaça, Congo, Camarões, Daomé
África oceânica palmarina,
enfrentando o amargo do açúcar
escavidão, tortura, má-sina.

Malungos nas várias Senzalas
Quimbundo, Mandinga, Jeje, Yorubá
em fuga, derrubam paus mandados,
pra ter tempo de jogar o Caxangá.

30/01/2012

JUSTIÇA TOTAL

Coca para os ricos
Cola para os pobres
Coca-cola é isso aí!

FEIRA DE PEIXES

Olha o peixe!
Tratado, limpo, sadio
Eis o peixe!
Do mar, das marés e rios
Ê menina!
Cavalinha, sardinha, corvina
Ôi minha senhora!
Anchoa, cavala, albacora
Quem compra não é tabaréu
Cioba, tainha, cação, xaréu
É uma pechincha de nada!
Agulha pampo, robalo, espada
Para a alegria do comprador;
Promoção de peixe voador!

DAS SOMBRAS E SOLARES

Amanhecer no êxtase de um bode
Depois de um pós-monumental porre
E uma irritante voz
A desejar bom dia
Ignorando a tremenda mancada
Traduzida em mal-estar e epilepsia
Notícias de TV, cenas estúpidas
De baixarias e mediocridades
E no planalto,
Vários planos a nos arrebrantar
Tráfico de drogas, de influências e
cumplicidade
Estado-positivo, governo-negativo
De um postal apresentando as capitánias
hereditárias
Que ainda cultivam
Essa wave-norte-américa-otária!
E cai a tarde, réus, vítimas em juízos
A deformar toda dignidade
E você sonha com a felicidade
Dizia o triste que a tristeza é bela
E o solitário: solidão é fera
Entre mendigos, shoppings e absurdos
Produz-se tudo com arbitrariedade
Consolidando o corporativismo
E as conseqüências são coincidências
A despistar
E as evidências ecoam na noite
Um escândalo, um homicídio A
distrair os corações urbanos
E a destruir a ilusão dos vândalos.
Depois cigarro, good night, um tapa
Noturna láctea birinaite atômico
Nas avenidas cruéis, embates anacrônicos
Epidemia rima com cólera, malária
E consumismo sub-reptício
Legitimando o desejo canalha
Que ainda cultiva
Essa wave-norte-américa-otária.

DE PEIXES IN AQUÁRIO

Transição de Milenium,
Onde as diferenças são
Iguais
E todas as distâncias
Vizinhas.
A solução não é só líquida;
Fique peixe,
Que a era é de AQUÁRIO!

O FORTE DO PAU AMARELO

por Clóvis Campêlo



Nos anos 80, quando morava em Olinda e meus filhos eram pequenos, costumava ir com a família fazer pic-nic na praia de Pau Amarelo, ao lado do Forte. Na época, era um lugar aprazível, sem construções clandestinas. Escolhíamos uma árvore qualquer, na beira da praia, estendíamos a toalha e fazíamos a festa. As crianças adoravam aqueles momentos de lazer puro e barato. Uma verdadeira curtição.

Muitos antes de nós, porém, no dia 14 de fevereiro de 1630, segundo os historiadores, ali chegaram os holandeses da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais. Sob o comando do almirante Hendrick Corneliszoon Lonck, ancoraram naquele local, no litoral norte de Pernambuco, com um contingente de 7.280 homens e 65 embarcações. Não vieram em busca de lazer barato, mas sim atrás dos lucros do açúcar aqui produzido. Com essa intenção, marcharam por terra e conquistaram Olinda e o Recife. Mas, essa história, todos nós já sabemos.

Embora os holandeses invasores tivessem entrado em Pernambuco pelo local, só 73 anos depois, em 15 de setembro de 1703, é que foi emitida uma Carta Régia ordenando a construção de um forte que servisse de defesa e oferecesse resistência a outras invasões.

O projeto ficou a cargo do engenheiro Luís Francisco Pimentel. A planta do prédio a ser construído foi por ele desenhada em aquarela e hoje se encontra arquivada no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, Portugal. Em 1707, porém, o infeliz engenheiro morria afogado nas águas do Rio Doce. A fatalidade retardou o início da construção que só se iniciaria em 1719. A conclusão do Forte de Nossa senhora dos Prazeres de Pau Amarelo, seu nome oficial, só aconteceria em 1738.

Segundo a historiadora Semira Adler Vainscher, em texto publicado no sítio da Fundação Joaquim Nabuco, em 1801 a fortaleza já possuía 12 canhões de calibre 10 e 40. Em 1817, esse arsenal já havia evoluído para 3 peças de bronze, 24 peças de ferro, com uma guarnição de 14 praças e um tenente no comando. Antes, porém, em 1808, quando a sua planta chegou de Lisboa devidamente projetada e calculada, o monumento passou por uma grande

reconstrução.

Hoje, apesar de estar situado na cidade do Paulista, o monumento pertence a Prefeitura da Cidade de Olinda, tendo sido tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 24 de maio de 1938, sob o número 84, no Livro das Belas-Artes.

As fotografias acima, retratando detalhes dos Forte em um dos seus vértices, foram feitas por mim, em 1990.

Hoje, passados mais de vinte anos da execução das fotos, sinto a necessidade de voltar ao local para novos registros e outros pic-nics. Dessa feita, levando os meus netos.

Clóvis Campêlo

Recife/Brasil

<http://geleiageneral.blogspot.pt/>



NOTÍCIA



A Revista eisFluências parabeniza o seu membro da redação, LUIZ GILBERTO DE BARROS (LUIZ POETA) pela sua posse no passado dia 10 de Agosto como Presidente da APALA – Academia Pan-Americana de Letras e Artes, e augura ao prezado amigo e colaborador, as maiores felicidades no seu novo cargo.

Eternização do “Triste horizonte” por Carlos Lúcio Gontijo

Já grafamos em nossos livros que, em Minas Gerais, as mineradoras movem mais montanhas do que a fé. Infelizmente tal afirmação, apesar de verdade irretorquível, não é levada em conta, com as grandes companhias mineradoras recebendo loas de todos os setores da sociedade, que frequentemente lhes concedem até o direito (e a honra) de se nos apresentarem como patrocinadoras de encontros e seminários voltados à discussão dos problemas ambientais que nos afligem.

Assistimos entristecidos, em momento de grave crise econômica na Europa, à luzidia pompa em torno da realização da Rio+20, que não contou com a participação decisiva de alguns dos chamados países desenvolvidos, pois tais nações não querem assumir compromissos com ações inibidoras da poluição da atmosfera terrestre. Ou seja, tivemos pela frente mais um convescote com palco montado e tudo o mais, quando bastaria a simples montagem de uma videoconferência sem o dispendioso deslocamento.

Acreditamos que os povos do planeta Terra somente assistirão à união em torno da questão do meio ambiente quando a natureza, que não reage, mas apenas se vinga dos maus-tratos que lhe desferimos, começar a sangrar, ameaçando a vida de todos os seres vivos. O desenvolvimento sustentável de que falam os governantes, economistas e ambientalistas não passa de mera falácia, pois dentro do consumismo desenfreado em que se baseia o capitalismo não há como se implantar avanço econômico assentado na sustentabilidade.

O panorama social em que vivemos é alicerçado num individualismo tão extremo que as pessoas andam “deletando” umas às outras, como se estivessem dotadas de um computador interno, alojado bem no centro de seu cérebro, comandando seus posicionamentos e emoções. Estamos cada vez mais preparados para aceitar apenas o que nos é favorável e, assim, não sabemos mais lidar com as frustrações – um fenômeno que tanto faz parte da vida quanto é necessário ao nosso crescimento como ser humano e como cidadão. Outro dia, assistindo a um documentário da TV Câmara levado ao ar madrugada adentro, tomamos conhecimento de que a casa em que o poeta Carlos Drummond de Andrade passou sua infância na zona rural de Itabira foi destruída, por ter sido erguida em subsolo rico em minério de ferro. Pois bem, a mineradora autora do insensível feito cuidou de construir uma réplica que (acreditem!) está em local cuja paisagem entra em choque explícito com o pensamento, a filosofia e a poesia do Poeta Maior, uma vez que todas as janelas da casa se abrem para a exposição de rejeitos da mineração, lembrando os versos do poema “Triste horizonte”, escrito por Drummond em 1976, para justificar sua decisão de não regressar nem a Belo Horizonte nem a Minas Gerais. Morreu em 1987. Não pisou em solo mineiro novamente, desde a criação daquele poema: “Não voltarei para ver o que não merece ser visto, o que merece ser esquecido, se revogado não pode ser”.

Política cultural, pelo visto, não é mesmo um projeto real no Brasil, onde os leitores são cada vez mais escassos e os grandes autores são, por isso, mais citados em discursos de político ou autoridade desejosa de expor pretensa erudição do que realmente lidos. E o pior de tudo é que Conceição do Mato Dentro, bem próximo dali, se prepara para se transformar em espelho perfeito da cratera lunar que se pode observar no solo itabirano.

O rico convescote repleto de ambientalistas e representantes de ONGs de todo canto e lugar, sob os holofotes da mídia e envoltos em belos e artísticos painéis, não tem nada a ver com os esgotos a céu aberto e os rios brasileiros e demais países em desenvolvimento mundo afora, onde em pleno século XXI os recursos hídricos disponíveis são usados como depósito de lixo. Enfim, a insofismável constatação é que estamos distantes de qualquer compromisso com as próximas gerações e, sob a égide do extremo egoísmo, agimos como se não houvesse amanhã. Não é à toa que os países mais desenvolvidos têm o desplante de se comportar como senhores do planeta Terra, esquecidos de que habitamos a mesma pequena ilha que gira em torno do Sol e que, por isso mesmo, todos nós seremos regidos por um mesmo destino: a vida ou a morte, segundo nossa relação com a mãe natureza.

Carlos Lúcio Gontijo
Poeta, escritor e jornalista
www.carlosluciogontijo.jor.br

A poesia de Carlos Lúcio Gontijo (Do seu Livro “Quando a vez é do mar”)

NAVEGADOR TRÊMULO Carlos Lúcio Gontijo

No lençol alvadio do amor navego
Cego de paixão e cio me entrego
Esfrego-me em seu corpo feito vento na vela
Sua alma enjanelada à minha se atrela
Uso minhas mãos tépidas como remo
E apesar da maré intrépida nada temo
Apenas tremo enquanto velejo
Em gozo provocado pela viração de seu beijo

OCEANO
Carlos Lúcio Gontijo

À espera do amor colo de mulher se abacia
As flores pelo toque do beija-flor se abrem
A terra se ergue aos céus nas alturas
Sob a candura de neles reencontrar o mar
E não de forma diferente a humanidade se entrega
Ao poder putrefato e explicitamente insano
Como se tudo estivesse reduzido a oceano de miséria.

ENTREVISTA COM JOSÉ CASTELLO

por Oleg Almeida



Em aparência, o nome de José Castello não necessita de comentários. Renomado crítico e jornalista cultural, autor do romance *Ribamar* e das aclamadas biografias de Vinicius de Moraes e João Cabral de Melo Neto, laureado de dois prêmios Jabuti, ele ocupa um lugar de destaque nesse imenso cenário da literatura brasileira. Entretanto, todas as qualidades em foco caracterizam antes um escritor consagrado, um “monstre sacré” das letras, do que uma pessoa em carne e osso. Por isso é que a nossa conversa de hoje se refere, principalmente, ao lado humano de nosso convidado, aos seus “trabalhos e dias” correntes. Vamos discutir o ofício de literato, para assim dizer, em mangas de camisa...

Oleg Almeida: Primeiramente gostaria de lhe fazer a minha pergunta de sempre. Como José Castello se tornou escritor: descobrindo sua vocação de modo espontâneo ou criando-a ao longo dos anos? Foi um processo lento e gradual ou uma epifania?

José Castello: Desde que li pela primeira vez um romance, o *Robinson Crusoe* de Defoe, aos 9 anos de idade, pensei que também queria ser escritor. Mas talvez esse desejo tenha surgido ainda bem antes. A irmã mais nova de minha mãe, Maria da Paz, que é minha madrinha, costumava nos visitar à noite para ler contos de fadas. Fez isso durante muitos anos. Eu me maravilhava com aquelas histórias passadas na Pérsia, na Índia, na Rússia. Minha madrinha ia embora, e eu continuava a sonhar acordado com aqueles personagens fantásticos. Gostava muito (ainda hoje gosto) de “sonhar acordado”. Para pegar no sono, em silêncio, contava histórias para mim mesmo. Ainda hoje, às vezes, faço isso. Creio que nesse hábito de narrar histórias em segredo surgiu parte importante de meu desejo de escrever.

OA: Quais foram os autores nacionais e estrangeiros que o influenciaram naquela fase de formação literária? Fale-nos um pouco sobre as leituras cujo papel educativo ou inspirador foi, a seu ver, crucial.

JC: Além do *Robinson Crusoe*, marcaram-me, de modo muito forte, as leituras de *A Metamorfose de Kafka*, de *O estrangeiro de Camus*, e de *O lobo da estepe de Herman Hesse*, que li no início da adolescência. Desde cedo também comecei a ler os poetas, em particular *Bandeira, Vinicius, Cabral e Castro Alves*. Cheguei a eles através dos compêndios escolares. Lembro que lia Cabral em sala de aula e lágrimas escorriam em meu rosto. Logo ele, o “poeta de pedra”. Mas não para mim: sempre considerei Cabral um poeta da emoção, e foi essa ideia que muito mais tarde defendi em meu livro *João Cabral: O Homem Sem Alma*, hoje editado pela Bertrand Brasil.

OA: Sua criatividade não se restringe a uma só área específica. Quem é o senhor: romancista, biógrafo ou crítico literário por excelência?

JC: Não aprecio muito essa divisão da literatura em gêneros. Acho que ela só serve para asfixiar a escrita. São recursos didáticos, que se usam nas escolas – mas que dizem muito pouco a respeito da realidade. Vejo isso em meus livros. Alguns ainda não conseguem acreditar que meu romance *Ribamar* (Bertrand Brasil, 2010) seja, de fato, um romance, preferem achar que é um livro de memórias. Já *O Poeta da Paixão* (Companhia das Letras, 1993), minha biografia de Vinicius de Moraes, já foi descrita, mais de uma vez, como um “romance envergonhado”. Quando a Global Editora resolveu editar uma seleção das crônicas que publiquei em *O Estado de S. Paulo* – feita por Leyla Perrone Moisés, o que muito me honra –, os editores tiveram dificuldades em escolher se o livro entraria na série “As melhores crônicas” ou “Os melhores contos”. Sou um escritor que transita entre os gêneros – e são escritores assim, como Enrique Villa-Matas, Jorge Luis Borges, João Gilberto Noll, os que mais admiro.

OA: Continuando o tema já esboçado... o que o senhor pensa da universalidade do talento literário? É possível que um escritor seja exímio nos gêneros tão diferentes entre si como, por exemplo, o romance e a poesia?

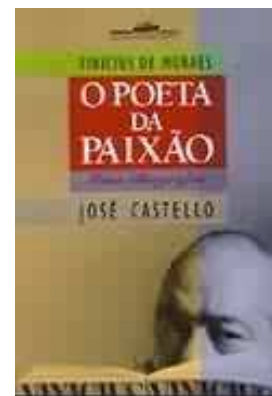
JC: Por que não? A literatura é o reino do particular. Para cada escritor, a literatura é uma coisa completamente diferente. Cada grande escritor reinventa a literatura a seu modo. Tome Pessoa, Virginia Woolf, Cortázar, Kafka, Borges, Villa-Matas, Saramago: o que há em comum entre eles? Muito pouco. E justamente por isso eles são grandes escritores. Na literatura as regras não funcionam. Regras, em literatura, não passam de mordças.

OA: Sua carreira na imprensa brasileira tem sido longa e respeitável. Ao trabalhar em tais veículos de comunicação como *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*, o senhor poderia contar algo sobre as suas atividades jornalísticas? Seria uma parte inalienável de sua obra literária (aqui me lembro, notadamente, de Mark Twain) ou, antes de tudo, um ganha-pão?

JC: As duas coisas. O jornalismo foi para mim – e ainda é, no jornalismo literário que pratico – um ganha-pão. Não tenho outras atividades: vivo, exclusivamente, do que escrevo. E no Brasil, tirando Paulo Coelho, Paulo Coelho e Paulo Coelho, quem mais vive realmente de direitos autorais? Bem, talvez Lya Luft, João Ubaldo... Jorge Amado, sem dúvida, viveu também. Mas são tão poucos! Mas, além de ganha-pão, o jornalismo sempre foi, também, uma paixão. As fronteiras entre jornalismo e literatura – pelo menos, segundo a maneira como concebo as duas atividades – são muito estreitas. São fronteiras muito contaminadas. O jornalismo joga você de cara na vida, e essa experiência radical da realidade enriquece, muito, qualquer escritor, de qualquer gênero ou estilo. Agora, preciso admitir também que o jornalismo é uma espécie de atividade missionária, que exige de você 24 horas diárias de dedicação. E isso, se forma e enriquece, também lhe rouba forças e tempo para fazer literatura. Não foi por acaso que só consegui escrever meu primeiro livro, *O Poeta da Paixão*, depois que, em 1992, abandonei em definitivo as redações.

OA: Qual é seu modo de escrever? O senhor se solidariza com Baudelaire que valorizava o aspecto técnico da construção textual, pondo em relevo a paciência e a perseverança do escritor, ou acredita naqueles rasgos de inspiração catártica que volta e meia evoca Púchkin?

JC: Não gosto da palavra inspiração – lembra as coisas sopradas por anjos, ou por espíritos, e sou, antes de tudo, um cético. Agora, não posso negar que há alguma coisa que se assemelha ao “transe” na atividade do escritor. O escritor trabalha às cegas. Pensa que escreve uma coisa, e lhe vem outra, e escreve outra. Nunca sabe muito bem por onde está indo. Dança em círculos intermináveis, repisa os melhores lugares, as mesmas palavras, retorna e retorna, e nunca está satisfeito. Isso se assemelha, sim, ao transe. Pense nas mãos de santo girando e dançando à espera de seus espíritos. Há algo muito parecido no ato de escrever!



OA: Sabemos que o senhor mantém um blog em que são publicados seus ensaios críticos e resenhas. O que poderia dizer a respeito da Internet? Em sua opinião, ela contribui para o desenvolvimento de novos valores artísticos ou apenas serve de ponto de encontro aos habitantes da “aldeia global” de McLuhan?

JC: Ninguém pode ser contra a internet. É tão absurdo quanto ser contra o celular, ou o avião! A questão é o uso que se faz dela. Armada em forma de uma imensa rede, na internet, hoje, temos de tudo. Do pior, mas também do melhor. Claro que ela pode contribuir, e contribui sim, para a aproximação da arte. Mas também pode gerar, e gera, grandes enganos, grandes mentiras e grandes frustrações. A internet é um meio, um veículo – uma rede gigantesca que acolhe a tudo e a todos.

OA: O senhor tem compartilhado suas experiências com os jovens autores, ministrando oficinas literárias. Acha que existe mesmo alguma receita universal para se fazer, digamos, um bom conto?

JC: Não, não existe receita alguma. Digo mais: acredito que é impossível ensinar alguém a escrever. Você aprende a escrever lendo. A função das oficinas, segundo eu entendo, é outra: é ajudar o aluno a se livrar dos vícios, dos clichês, dos lugares comuns, e a se aproximar de sua própria voz interior. Todo grande escritor tem uma voz interior inconfundível. Arranque, ao acaso, uma página de Kafka, uma de Proust, uma de Cortázar, uma de Saramago, de Clarice, e dê a alguém que tenha o hábito da leitura. Se ele for mesmo um bom leitor, depois de duas ou três linhas saberá dizer: é Kafka, é Clarice, é Saramago. Entrará em contato com essa voz interior que é, na verdade, a marca singular que distingue cada escritor de todos os outros. Essa marca não se ensina. Chega-se a ela. O máximo que uma oficina pode fazer – e deve fazer – é escutar o aluno na direção de sua voz particular. E mais nada.

OA: Queria perguntar-lhe, por fim, como avaliaria o estado atual da literatura no Brasil. Há grandes vultos na praça, novas vertentes ou, sabe-se lá, até novas escolas literárias estão em franca expansão, ou tem razão quem afirma que “la belle époque” das letras brasileiras ficou no passado?

JC: Não temos escolas, não temos grupos (a não ser um ou outro grupelho sem importância), mal temos tendências. O rico hoje é isso: cada escritor segue seu próprio caminho. Essa é, no meu entender, a maior prova da vitalidade da literatura brasileira de hoje. Pense em Noll, em Hatoum, em Raduan, em Sérgio Sant’Anna, em Raimundo Carrero. Vamos aos mais jovens: pense em João Paulo Cuenca, em Tatiana Salem Levy, em Eliane Brum, em Joca Terron, em Carola Saavedra. O que os une? Muito pouco. O que os separa? Quase tudo. Isso é ruim? Isso é ótimo! Insisto: é um sinal indiscutível da fertilidade de nossa literatura de hoje.

OA: Que tal finalizarmos a nossa entrevista com uma série de perguntas instantâneas?

- **Seu livro de cabeceira?** – A paixão segundo GH, de Clarice Lispector.
- **Seu prato predileto?** – Nhoque ao sugo.
- **A cidade de que mais gosta?** – Rio de Janeiro.
- **O filme que considera uma obra-prima?** – Todos os filmes de Akira Kurosawa.
- **Seu time do coração?** – Fluminense e nenhum outro.
- **Sua música preferida?** – Nunca paro de ouvir as sonatas de Beethoven.
- **Seu hobby, de modo geral?** – Dar longas caminhadas sozinho.
- **Seu lema?** – Não ter lema algum.

OA: Muito obrigado pelas respostas interessantes e enriquecedoras! Tenho plena certeza de que nossos leitores vão gostar de sua entrevista e procurarão conhecer melhor suas obras.

José Castello (nasceu em 1951 no Rio de Janeiro) é escritor, jornalista e crítico literário brasileiro. Autor dos livros *Vinicius de Moraes: O poeta da paixão* (1993), *João Cabral de Melo Neto: O homem sem alma* (1996), *O inventário das sombras* (1999), *Fantasma* (2001), *A literatura na poltrona* (2007), *Ribamar* (2010), entre outros, além das crônicas e ensaios literários.

Oleg Almeida

www.olegalmeida.com

FICHA TÉCNICA

Director

Victor Jerónimo
(Portugal/Brasil)

Directora Cultural

Carmo Vasconcelos
(Portugal)

Responsável pela Redacção

Mercêdes Pordeus (Brasil)

Design Gráfico e Composição

Victor Jerónimo

Nosso sítio e blogue

<http://www.eisfluencias.ecosdapoesia.org/>
<http://eisfluencias.blogspot.com.br/>
<http://eisfluencias.blogspot.pt/>

Contacto

eisfluencias@gmail.com

Conselho de Redacção

Abilio Pacheco (Brasil)
Carlos Lúcio Gontijo (Brasil)
Clóvis Campêlo (Brasil)
Humberto Rodrigues Neto (Brasil)
Luiz Gilberto de Barros (Brasil)
Marco Bastos (Brasil)
Petrônio de Souza Gonçalves (Brasil)
Rosa Pena (Brasil)

Correspondentes

Alemanha - António da Cunha Duarte Justo
Argentina - María Cristina Garay Andrade
Bielorússia - Oleg Almeida
Cabo Verde - Nuno Rebocho
Espanha - María Sánchez Fernández
Moçambique - Amosse Mucavele

Revista de eventos, actualidades, notícias culturais, político/sociais, e outras, mas sempre virada à directriz cultural, nas suas várias facetas.

Propriedade de
Mercêdes Batista Pordeus Barroqueiro
Recife/PE/Brasil

Tiragem: 100 ex
Distribuição Gratuita

Divulgação via internet

Depósito legal
LEI DO DEPÓSITO LEGAL LEI Nº 10.994, DE 14 DE
DEZEMBRO DE 2004
Biblioteca Nacional
Brasil

ISSN 2177-5761

“As autorias das obras aqui presentes são de inteira e exclusiva responsabilidade dos seus autores e dos colaboradores que no-las enviam para publicação, tal como a sua revisão literária. A aderência, ou não, ao Novo Acordo Ortográfico, fica também ao critério dos autores”.